

Universidade Federal do Rio de Janeiro

ESTUDO DAS *NARRATIONES* EM *AB VRBE CONDITA*: AS BATALHAS DE
TRASIMENO E CANAS

Renata Lopes Eugenio

Agosto/2014

ESTUDO DAS *NARRATIONES* EM *AB VRBE CONDITA*: AS BATALHAS DE
TRASIMENO E CANAS

Renata Lopes Eugenio

Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Thereza Basilio Vieira.

Rio de Janeiro
Agosto de 2014

E87

Eugenio, Renata Lopes

Estudo das narraciones em Ab Vrbe Condita: As batalhas de
Trasimeno e Canas / Renata Lopes Eugênio – Rio de Janeiro, 2014.
72 f.

Orientador: Profª Drª. Ana Thereza Basilio Vieira

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Letras
Clássicas , Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de
Janeiro / Rio de Janeiro, 2014.

Bibliografia: f. 69-72

1. Roma - Historiografia 2. Tito Lívio. Ab Vrbe Condita –
História e Crítica. 3. Retórica antiga I. Título. II. Vieira, Ana
Thereza Basilio

CDD 808.0669

ESTUDO DAS *NARRATIONES* EM *AB URBE CONDITA*: AS BATALHAS DE
TRASIMENO E CANAS

Renata Lopes Eugenio

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Thereza Basílio Vieira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Aprovada por:

Presidente, Prof.^a Dr.^a Ana Thereza Basilio Vieira – PPGLC / UFRJ

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior – PPGHC/ UFRJ

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Kaltner – PPGEL / UFF

Prof.^a Dr.^a Tatiana Oliveira Ribeiro – UFRJ, Suplente

Prof. Dr. Ricardo de Souza Nogueira – PPGLC/UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro

Agosto de 2014

RESUMO

ESTUDO DAS *NARRATIONES* EM *AB VRBE CONDITA*: AS BATALHAS DE TRASIMENO E CANAS

Renata Lopes Eugenio

Orientadora: Professora Doutora Ana Thereza Basilio Vieira

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

A Segunda Guerra Púnica foi palco de duas batalhas que tiveram grande importância para a história de Roma: a batalha do lago de Trasimeno e de Canas. Essas foram pelezadas pelos romanos contra o exército cartaginês liderado por Aníbal Barca. Tito Lívio, historiador romano, no livro XXII da *Ab Vrbe condita*, narra esses confrontos e quais foram suas causas e consequências. Assim, analisamos a narrativa dos relatos e procuramos desenvolver um estudo comparativo dos mesmos, destacando os retratos dos romanos e de seus inimigos, evidenciando o estilo de Tito Lívio.

Palavras-chave: historiografia romana; Roma; Tito Lívio; retórica.

ABSTRACT

Renata Lopes Eugenio

Orientadora: Professora Doutora Ana Thereza Basilio Vieira

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à Obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

The Second Punic war was the scene of two battles that had great importance for the history of Rome: the battle of Lake Trasimeno and Cannae. These were fought by the Romans against the Carthaginian army led by Hannibal Barca. Livy, roman historian, in *Ab Vrbe condita* XXII, narrates these confrontations and which were its causes and consequences. Thus, we analyze the narrative of the stories and try to develop a comparative study of them, pointing out the portraits of the Romans and its enemies, attesting the style of Livy.

Kew-words: Roman historiography; Rome; Livy; rhetoric.

DEDICATÓRIA

A Deus, autor da vida, sem o qual, nada disso seria possível.

Aos meus pais, Francisco Eugenio e Francisca Lopes Eugenio, meus primeiros exemplos de vida, por me ajudarem e confiarem em mim.

Ao meu esposo, Alex Jervet, pelo amor, carinho, respeito e compreensão, nos momentos de ausência, em prol da minha formação.

Ao corpo docente de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ especialmente aos professores: Maria da Conceição Silveira, Arlete Mota, Anderson Esteves, Auto Lyra e Tânia Martins.

A todos os mestres de latim que colaboraram à minha formação acadêmica (UFRJ).
Meu eterno agradecimento à minha orientadora a Prof.^a Dr.^a Ana Thereza Basilio Vieira, pela incansável colaboração e pelo auxílio à conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me conceder a vida e me dar sabedoria e perseverança.

À minha amada mãe, Francisca, por compreender a minha ausência em tantos momentos.

Ao meu amado Alex, pela compreensão, pelo amor, pelo investimento e pelo carinho.

Às queridas professoras Dr^a Maria da Conceição Silveira e Dr^a Arlete Mota pela presteza, dedicação, investimento e boa vontade sempre.

À minha orientadora, a professora Dr^a Ana Thereza Basilio Vieira, que contribuiu de forma direta e indireta para a realização deste trabalho acadêmico, pela paciência, incentivo e pelo auxílio incondicional.

Às minhas queridas amigas Barbara Almeida, Luciene Aires da Silva Coutinho e Vanessa de Souza Peres pela amizade e incentivo em muitos momentos difíceis.

Ao meu Pastor Cláudio Nambuco, historiador de todas as horas e pai de coração, à família Anabatista, que me incentivava a alcançar os diversos degraus da vida, ainda que difíceis.

Aos colegas do corpo discente de Pós-graduação em Letras Clássicas da UFRJ.

Enfim, a todos aqueles que colaboraram para a realização deste trabalho.

In memoriam:

Ao meu querido pai, Francisco Eugenio, meu agradecimento *ad aeternitatem*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O GÊNERO HISTORIOGRÁFICO NA ROMA ANTIGA	15
3. A CONSTRUÇÃO DE <i>AB URBE CONDITA</i> , DE TITO LÍVIO	26
3.1. Tito Lívio e a historiografia	26
3.2. <i>Ab Vrbe condita</i> : contexto histórico	31
4. AS <i>NARRATIONES</i> DAS BATALHAS DE TRASIMENO E CANAS	34
4.1. A concepção da batalha de Trasimeno	39
4.1.1. O retrato do inimigo	40
4.1.2. Os retratos dos romanos	42
4.2. A concepção da batalha de Canas	46
4.2.1. Os retratos dos romanos	47
4.2.2. O retrato do inimigo	50
5. UMA <i>COMPARATIO</i> DAS BATALHAS	52
5.1. Motivações das batalhas	52
5.2. Estilo de narrativa de Lívio	53
5.3. Religião e valores morais romanos	59
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

1. INTRODUÇÃO

Tito Lívio, prosista, nascido em Pádua em 59 a. C, escreveu em Roma, cidade em que trabalhou, uma obra de grande importância pertinente aos estudos de historiografia antiga: *Ab Vrbe condita libri*, vulgarmente conhecida sob o título de *História de Roma*¹; único trabalho deste autor que chegou aos dias atuais. Lívio descreve a história de Roma em toda a sua extensão, desde a fundação e o desenvolvimento da cidade até a morte de Druso em 9 a. C. Esse trabalho teve início por volta de 25 a. C. e prosseguiu ao longo de sua vida.

A *História de Roma* é composta de cento e quarenta e dois livros divididos em dez (correspondentes a décadas), dos quais trinta e cinco chegaram aos nossos dias. Dos que restaram tem-se a seguinte divisão: I-X relatam desde a fundação de Roma até a Terceira Guerra Samnita (293 a. C.), XXI-XLV com lacunas entre XLI-XLV, desde a Segunda Guerra Púnica (218 a. C.) até a transformação da Macedônia em província, restando dos demais apenas resumos.

Sua obra é produto da época de Augusto, por isso Lívio demonstra em seu trabalho a preocupação com a “restauração dos antigos costumes que caracterizou a política do Imperador – a valorização da simplicidade, da austeridade, da moderação, da coragem, da lealdade, do civismo e da piedade²”. Segundo Cardoso, Lívio vê os feitos ilustres de Roma como uma maneira de ensinar aos seus contemporâneos e mesmo a seus descendentes a valorização do passado. No seu texto, destaca-se o chamado tom apologético, isto é, de justificativa e enaltecimento; porém, assim como outros grandes historiadores da Antiguidade (por exemplo, Heródoto, Políbio, etc.), procura não falsear nem esconder a verdade dos fatos. Tito Lívio consegue demonstrar uma possível subjetividade³ existente no relato histórico. Segundo Gudemann (1926: 182): “Seu discurso claro e sua técnica estilística eram pontos-chave para o seu desejo de superar seus predecessores”, pois acreditava que esses haviam deixado a desejar em sua maneira de escrever a história romana e estavam abandonando os valores das antigas virtudes nacionais, recaindo numa degeneração moral.

¹ Doravante passaremos a intitular a obra dessa forma.

² Cardoso, 2003: 140.

³ Isto é, ele dá a sua visão dos fatos.

Dos livros XXI ao XXX, Lívio narra a Segunda Guerra Púnica, que ocorreu entre 218 e 202 a. C., quando os cartagineses resolveram aumentar seus domínios sob a liderança de Amílcar Barca. Romanos e cartagineses limitaram suas áreas em um tratado assinado em 226, na cidade de Sagunto, aliada de Roma. Com a morte de Asdrúbal, Aníbal tornou-se líder dos cartagineses na Espanha e em 219 conquistou a cidade de Sagunto. Os romanos fizeram questão da restituição da cidade e da libertação do comandante militar, mas Cartago preferiu combater, iniciando assim a guerra.

A batalha ocorrida no lago Trasimeno, narrada no início do livro XXII, é comandada pelos cônsules Caio Flamínio e Cneu Servílio; porém, numa emboscada estratégica feita por Aníbal, o exército romano perde, e Flamínio, seu único comandante, é morto, gerando diversas consequências. A batalha de Canas, assim como a de Trasimeno, representa um dos combates mais sangrentos e mais desfavoráveis para os romanos, pois os cartagineses, ainda liderados por Aníbal, vencem os romanos e dizimam cerca de 45.000 homens de seu exército.

Esta pesquisa se concentrará justamente na análise textual da narrativa que Tito Lívio apresenta sobre as batalhas de Trasimeno e de Canas. Para tanto, desenvolveremos um estudo comparativo desses relatos, mostrando como se relacionam no que tange as suas semelhanças e dessemelhanças; ambas as batalhas são narradas no mesmo livro e uma segue a outra cronologicamente, descrevendo as duas derrotas sofridas pelo exército romano. Teceremos algumas considerações sobre as formas ou expressões de que o autor se utiliza nas descrições de tais episódios. Ainda que as narrativas sejam de fatos distantes do tempo de experiência do historiador, estas são expostas de forma vivaz e expressiva, inclusive no que se refere aos retratos das personagens delineados na *descriptio* e ao valor dos *exempla*⁴ como recursos argumentativos.

Considerando que o gênero historiográfico se utiliza dos meios de ornamentação, a *ornatio*, apontaremos algumas características do estudo retórico inseridos no texto. Como representação pontual desse estudo, verificaremos o modo de narração construído por Tito Lívio, assim como o uso dos seus ornamentos de linguagem, figuras, tipos de construções, etc.

⁴ Segundo Saraiva, significa cópia, imitação, reprodução, examinar alguma coisa para copiar, original, modelo.

O *corpus* latino em que nos basearemos para tradução é *Ab Vrbe condita libri XXII*, com o texto estabelecido na edição italiana da editora BUR, 2007. Os recortes dos relatos das batalhas de Trasimeno e Canas foram escolhidos como *corpus* desse trabalho por representarem com vivacidade a arte da narração e da descrição, ilustradas pelo prosista, assim como a riqueza de recursos constituintes do gênero historiográfico e literário expressos na obra liviana.

Compreende-se que para se analisar o estilo próprio de narração de Tito Lívio é preciso que se conheçam as características da produção do gênero historiográfico na Roma antiga, já que o autor é considerado por alguns estudiosos como um grande representante do gênero. Procuramos, portanto, consultar algumas posições e definições tradicionais históricas tanto da Antiguidade (Heródoto e Cícero, por exemplo) como obras mais atuais.

A princípio, irá nos importar a referência do livro de Pedro Paulo A. Funari intitulado *Antiguidade clássica*, que trata das realizações de autores de História e cultura antiga fazendo uma reflexão a partir dos documentos, em geral traduzidos da língua original de autores clássicos da Antiguidade como Plutarco, Plínio, Sêneca, Aristóteles, Platão, entre outros. Para o levantamento de reflexões sobre os tradicionais conceitos de História e para distinguir as concepções antigas das contemporâneas, utilizaremos a obra de Jacques Le Goff, *História e memória*, que nos conduzirá a uma construção inicial teórica sobre os estudos da História na Antiguidade. Com relação aos estudos de história antiga, o artigo de John Marincola, “Ancient audiences and expectations”, nos trará, como outras referências citadas nesse estudo, informações explicativas sobre as concepções que os próprios historiadores da Antiguidade tinham sobre a produção do gênero e o que os diferencia entre si.

Como os estudos literários não podem estar dissociados da sociedade em que são produzidos, não podemos desprezar as relações que eles possuíam com a ideologia de sua sociedade, e para isso nos apoiaremos nos estudos expostos em *História social de Roma*, de Géza Alföldy, de onde tiraremos as referências da estrutura social romana.

Tito Lívio, por procurar restaurar os ideais e os valores romanos abandonados pela sociedade do seu tempo, apresenta, no prefácio, a sua preocupação em retomar os costumes romanos através dos antigos feitos ilustres relatados na sua obra. Para uma

apresentação abrangente desses ideais, nós nos fundamentaremos nos livros: *Estudos de história da cultura clássica*, de Maria Helena da Rocha Pereira, e *Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*, de Juliana Bastos Marques, que nos servem como fontes metodológicas. A razão é que eles apresentam os principais valores do homem romano e sua identidade, além de trazerem uma síntese da cultura romana.

Para melhor compreender as questões da análise das *narrationes* de Tito Lívio e as particularidades que as destacam nas descrições das batalhas de Trasimeno e Canas, assim como todo o enredo que as envolve em seus discursos, buscaremos fundamentação teórica de autores como Jean Bayet, em *Littérature latine*, e Ettore Paratore, em *História da literatura latina*. Os dois auxílios teóricos nos serão importantes, pois traçam em seus comentários informações sobre Lívio e a composição de sua obra. Quanto ao estudo do livro XXII, no qual são narrados os combates, buscaremos auxílio no livro *Representações do senado romano na Ab Vrbe condita libri de Tito Lívio, livros 21-30*, de Marco Antônio Collares, que trata das representações, referências simbólicas, valores, crenças e concepções da sociedade republicana romana.

Quanto aos elementos estilísticos, figuras e construções latinas típicas dos historiadores nos servirá de base o livro *Introdução à retórica*, de Olivier Reboul, pois que o mesmo explicita os usos, as digressões e as características principais da oratória e dos ornamentos que uma narrativa possui.

Por fim, quanto ao ordenamento geral desse trabalho, disporemos a matéria em quatro capítulos a seguir. No capítulo inicial, esboçaremos concepções sobre o gênero historiográfico na Roma antiga percorrendo exemplos de historiadores antigos gregos e romanos, que serviram de base para a escrita em Roma, e visões sobre o ofício do historiador. No capítulo seguinte, traçaremos um perfil geral de Tito Lívio, suas possíveis intenções em escrever a *História de Roma*, apresentadas em seu *praefatio*, observando o contexto histórico da Roma Imperial, seus princípios e valores que contribuem para a intenção geral de elaboração da obra; quanto à composição da obra em si, verificaremos sua construção e seus recursos estilísticos gerais. O capítulo quatro do trabalho se concentrará no estudo das narrações dos relatos das batalhas de Trasimeno e Canas, da concepção das descrições e das composições que o autor apresenta das personagens. No quinto capítulo do estudo, procuramos compreender o

uso que o autor faz nas narrativas, dos recursos estilísticos e figuras retóricas que os compõem, estabelecendo, por fim, uma comparação das batalhas apresentando suas motivações, semelhanças e dessemelhanças que envolvem os discursos dos combates, assim como suas demonstrações quanto à religião e os valores romanos representados como *exempla* nas batalhas.

Sendo assim, esse estudo procurará analisar os modos de narrativa, seus elementos linguísticos e extralinguísticos⁵ que representam a grande significância dos fatos históricos descritos. Assim, pela seleção, tradução nossa e interpretação de excertos, com o apoio da leitura teórica, procuraremos delinear o retrato das batalhas e estabelecer comparações entre elas, para um estudo um pouco mais detalhado acerca do autor e seu trabalho, tanto no que tange ao conteúdo quanto à forma, como é a construção do texto, da linguagem, do tom e das figuras por ele empregadas.

⁵ Valores morais e religiosos romanos.

2. O GÊNERO HISTORIOGRÁFICO NA ROMA ANTIGA

Ao longo de vários séculos, pensadores, filósofos, oradores e historiadores procuram denominar e definir o que é História. Jacques Le Goff, em *História e memória*⁶, traz algumas concepções do termo História, afirmando que esta tem a ambição de reconstituir, preservar e comunicar a memória, e com isso serve de suporte ao processo de formação de novas subjetividades, novas identificações grupais e à continuação da própria História – do grupo, da comunidade, da nação. A concepção de memória está interligada à História, sendo concebida como reconhecimento da subjetividade. Por si só, não tem longa duração: no plano individual, dura uma vida, e no plano coletivo, uma geração ou pouco mais. Os atos de preservar e comunicar a memória é que lhe dão permanência social.

Se analisarmos brevemente a morfologia da palavra “história”, que vem do grego antigo *historié*, veremos que esta forma, como afirma Le Goff⁷, deriva da raiz indo-europeia *wid-*, *weid-*, “ver”. Daí o sânscrito *uettas*, “testemunha” no sentido de “aquele que vê”. Com essa informação, podemos afirmar conceitualmente que aquele que escreve a história, *histor*, também será “aquele que a vê” e “aquele que sabe”; *historein*, em grego antigo, é “investigar”, informar-se. *Historié* significa, pois, procurar. Esse sentido de história para a antiguidade grega, em princípio, com Heródoto, no século V a. C., considerado como primeiro historiador ou “o pai da história”, denota a ciência sobre a qual se “indaga”, “se testemunha”. Assim, com base na raiz da palavra, a história começa com o *relato*, a narração daquele que vê, que é testemunha do fato, ou mesmo que ouviu, ou ainda daquele que faz a operação de recolha e recorte de tradições.

A História antiga não era escrita ou assumida por uma instituição ou ainda controlada e legitimada; a História moderna só se institucionalizou como disciplina no séc. XIX e se tornou regida por métodos de crítica documental. Para os estudiosos mais modernos, como por exemplo, Funari, a história antiga era pouco precisa e tinha fontes não muito confiáveis para se depreender os fatos passados, pois colocava a retórica na frente da verdade⁸. Porém, não se pode pensar na história antiga transpondo-a aos

⁶ LE GOFF, 2012: 9-41.

⁷ *Idem, ib.:* 20.

⁸ JOLY, 2007: 8.

critérios da História moderna, pois entre elas existem divergências de tempo e cultura.

Segundo Easterling e Knox⁹, no século V a. C., a partir da historiografia grega de Heródoto e Tucídides criou-se a historiografia como forma separada da atividade intelectual, que podia se defender face à poesia e à filosofia. Os estudiosos destacam alguns pontos de diferença entre esses autores gregos que deram início à escrita historiográfica. Heródoto, por exemplo, escrevia de forma que alcançasse a todo grego; já Tucídides, a um público mais especificamente intelectual; porém ambos escreveram uma história patriótica, não só objetiva¹⁰. Quanto ao método, Heródoto apresenta a História como investigação do passado, e Tucídides reformula os métodos dessa operação, em favor de uma história do presente¹¹. Pode-se perceber que há como encontrar um ponto em comum entre a historiografia grega e a historiografia romana: nas duas culturas, a história nasceu sempre em busca de respostas para problemas colocados pelo momento e a serviço de uma intenção política.

Para compreendermos os aspectos, teoria e metodologia do gênero da narrativa histórica na antiguidade, temos, dentre os principais historiadores gregos, Políbio. “Um grego romanizado de classe alta¹²”, Políbio é considerado como um historiador altamente teórico, objetivo, minucioso e metodologicamente complexo, que escreveu para seus compatriotas gregos o relato da longa luta entre Roma e Cartago pela hegemonia do Mediterrâneo ocidental, as três guerras púnicas (246-146 a. C.). Seu objetivo era apresentar e explicar ao mundo grego as razões da ascensão romana e da fama de sua ampla estrutura política, social e militar. Logo no início de sua *História*, expõe sua temática principal:

Porque la propia originalidade de los hechos acerca de los cuales nos hemos propuesto escribir se basta por si misma para atraer y estimular a cualquiera, joven y anciano, a la lectura de nuestra obra. En efecto, puede haber algun hombre tan necio y negligente que no se interese en conocer como y por que genero de constitucion politica fue derrotado casi todo el

⁹ EASTERLING e KNOX, 1990: 497.

¹⁰ Pedro Paulo Funari, em *Antiguidade clássica*, discute a objetividade da História com base no significado que o alemão carrega, pois que a História Objetiva é o Passado, que não volta mais (*die Geschichte, einmaliges Geschehen*); e a descrição do passado como teria ocorrido, “como alguns pensadores tem ressaltado, é algo impossível e irrelevante. Impossível, na medida em que não se possuem senão fragmentos mínimos do passado, mas, impossível também, porque tudo descrever, ainda que factível, acabaria por nada explicar, esvaziando de sentido o relato. Irrelevante, pois o presente só se interessa pelo passado em função de si próprio e do futuro” (FUNARI, 2003: 16-17).

¹¹ A guerra do Peloponeso acontece a medida que Tucídides compõe sua obra.

¹² BURROW, 2013: 90.

universo en cincuenta y tres años no cumplidos, y cayó bajo el imperio indisputado de los romanos? Se puede comprobar que antes esto no había ocurrido nunca. Quien habra, por otra parte, tan apasionado por otros espectáculos o enseñanzas que pueda considerarlos más provechosos que este conocimiento? (Pol, Hist. I, 4)

Políbio, na sua concepção de deveres e métodos do historiador, expõe as noções de verdade e utilidade: “asi lo que queda a la historia, una vez eliminada la verdad, resulta ser un relato inservible” (I, 14). Para o historiador, o objetivo da história era servir de exemplo, pois ela se constitui no aprendizado por meio da experiência, e suas lições são deduzidas através do que aconteceu no passado para fornecer orientações para uma conduta futura. Portanto, a história deveria ser séria e objetiva. No livro II, 56 Políbio critica um historiador mais antigo, Filarcos, pelo uso que este faz dos ornamentos ficcionais na narrativa com a finalidade de conquistar a simpatia do público, afirmando:

La historia de la época descrita por Arato la han tratado también otros, entre los que goza de crédito Filarco, quien con frecuencia contradice al primero y sostiene opiniones opuestas. Nosotros hemos preferido a Arato en la exposición de la guerra de Cleomenes, de modo que es útil y necesario explicar nuestra elección, y no permitir que la mentira goce de la misma fuerza que la verdad en los escritos históricos. En el conjunto de su obra Filarco ha dicho muchas cosas a la ligera y según le parecía (...) Filarco quiere provocar la compasión de sus lectores y hacerles sintonizar con su relato, de modo que describe teatralmente mujeres que se abrazan; sus cabelleras flotan y sus pechos están al descubierto. Nos habla de llantos y alaridos de hombres y mujeres a los que se llevan, revueltos con sus hijos y sus padres.

As críticas de Políbio não se atêm somente ao uso do apelo sentimental que outros historiadores faziam em seus relatos, mas também à escrita da história apenas monográfica, dedicada a um único tema. Ainda que sua maior devoção sejam os assuntos relacionados à esfera político-militar, a construção de sua obra é baseada em viagens ou testemunhos oculares, diretos ou indiretos; sendo assim, uma história universal¹³, pois trata de um tema mundialmente conhecido como a ascensão de Roma.

¹³ Cf. BURROW, 2013: 91.

Quanto à composição de sua história Políbio se justifica:

La peculiaridad de nuestra obra y la maravilla de nuestra epoca consisten en esto: segun la Fortuna ha hecho inclinar a una sola parte practicamente todos los sucesos del mundo, y obligo a que tendieran a un solo y unico fin, del mismo modo tambien <es preciso), valiendose de la historia, concentrar bajo un unico punto de vista sinoptico, en beneficio de los lectores, el plan del que se ha servido la Fortuna para el cumplimiento de la totalidad de los hechos. Lo que acabo de notar es lo que nos ha impulsado y estimulado mas a dedicarnos a la historia, y tambien, ademas, el hecho de que nadie, entre nuestros contemporaneos, haya emprendido la confeccion de una historia general. De ser asi, yo no habria puesto tanto empeno en una obra de estas características (Pol. Hist. I, 4).

O empreendimento dessa narrativa histórica de temática central nas guerras púnicas é caracterizado pela perspectiva autoral de Políbio, pois, o autor demonstra, como afirma Burrow, suas “preocupações recorrentes com causalidade, comparação, fatores constitutivos, lições tiradas da experiência, e a influência da sorte: tudo isso ele reúne sob o nome de ‘história pragmática’¹⁴”.

Assim, podemos observar que dentre os historiadores antigos Políbio buscou instruir seus leitores e não encantá-los, seu desejo era de encontrar um tema central na história e retirar dela lições úteis e verdadeiras, como o fez no relato das guerras púnicas. Seu estilo de narrativa focaliza mais no objetivo pragmático e universal que moral.

Para os estudos da antiguidade, o conceito de história terá como caráter principal a necessidade do historiador de misturar relato e explicação dos fatos, fazendo da história um gênero literário, uma expressão artística ao mesmo passo que um estudo historiográfico. Como afirma Paul Veyne “a história é quer uma série de acontecimentos, quer a narração desta série de acontecimentos¹⁵”.

Na Roma antiga, o início da historiografia remonta apenas ao século III a. C. A história como parte do gênero da narrativa se iniciou com Quinto Fábio Pictor, que escreveu sobre o período das guerras contra Cartago, porém em grego, pensando

¹⁴ BURROW, 2013: 96.

¹⁵ VEYNE, 1968: 423.

também nesse público e tendo sua obra perdida nos dias atuais¹⁶. Mas, a iniciativa de se escrever em latim uma história romana em prosa foi de Marco Pôncio Catão com as *Origines*, uma história pragmática, onde se omitiam os nomes dos generais e magistrados.

Nesse período, a história já se utilizava da retórica, servindo às normas de confecção do discurso, e ainda como prerrogativa de homens que se dedicavam à política. Para a cultura romana, a história deveria também ser narrativa, pois assim como a retórica, deveria instruir, louvar e culpar, além de fornecer exemplos. Se, pois, a história presta esse serviço à retórica, a sua função é servir como exemplo, *exemplum*. Cícero, embora não tenha escrito uma narrativa histórica, escreveu teorias a respeito da memória histórica que todo orador deveria ter: para ele, a história era uma grande tarefa.

Na antiguidade, a escola de retórica fazia parte da formação do cidadão romano que desde a idade juvenil, através do seu *magister*, buscava desenvolver as técnicas da oratória. Podemos dizer que essa técnica também é uma arte, seu termo em grego, *tékhne*, possui significado ambíguo, como afirma Reboul, “tanto pode ser uma habilidade espontânea, quanto uma competência adquirida através do ensino¹⁷”. Com isso, ao analisarmos os trechos da obra liviana, podemos perceber a utilização de alguns recursos do sistema retórico.

Essa habilidade espontânea e competência adquirida são movidas por funções. Na retórica essas funções podem ser de caráter persuasivo (convencimento), hermenêutico (interpretação), heurístico (discurso de outrem) e pedagógico (cultura geral). Porém, a função que destacaremos neste trabalho será a persuasiva, por abranger o texto referido.

A persuasão é adquirida através da arte de persuadir tanto na esfera racional, quanto na esfera afetiva. A racional é apresentada pelos argumentos, a afetiva diz respeito à afetividade na oratória, que pode ser a forma do orador chamar a atenção e alcançar a confiança do auditório, o chamado *ethos*. Por outro lado, têm-se as tendências, os desejos, as emoções do auditório de que o orador pode tirar partido, identificados como *pathos*. Cícero apresenta a persuasão com três características bastante distintas: *docere*, o lado argumentativo do discurso que instrui, ensina;

¹⁶ MARINCOLA, 2009: 11.

¹⁷ REBOUL, 2004: XVI.

delectare, o lado agradável, e até de certo modo brincalhão, cujo intuito é agradar; e *movere*, a parte do discurso que comove e impressiona o ouvinte.

Cícero, ao falar do ofício do orador em relação ao gênero historiográfico romano no *De oratore* (2, 52), na passagem em que M. Antônio e Cátulo discutem se era ou não preciso ser orador para escrever história, diz que para se escrever história como os gregos (*ut Graeci scripserunt*) era preciso ser um orador; mas se, ao contrário, se escrevesse como um romano, bastava não ser mentiroso (*sit ut nostri, nihil opus est oratore: satis esse non esse mendacem*). A resposta de M. Antônio (*ne nostros contempnas*) indica que o comentário não visava glorificar a fidedignidade dos historiadores romanos, mas sim menosprezar seu valor artístico em relação aos gregos. M. Antônio prossegue defendendo os romanos:

Graeci quoque ipsi sic initio scriptitarunt, ut noster Cato, ut Pictor, ut Piso; erat enim historia nihil aliud nisi annalium confectio, cuius rei memoriaeque publicae retinendae causa ab initio rerum Romanarum usque ad P. Mucium pontificem maximum. res omnis singulorum annorum mandabat litteris pontifex maximus referebatque in album et proponebat tabulam domi, potestas ut esset populo cognoscendi, eique etiam nunc annales maximi nominantur. Hanc similitudinem scribendi multi secuti sunt, qui sine ullis ornamentis monumenta solum temporum, hominum, locorum gestarumque rerum reliquerunt; itaque qualis apud Graecos Pherecydes, Hellanicus, Acusilas fuit aliique permulti, talis noster Cato et Pictor et Piso, qui neque tenent, quibus rebus ornetur oratio - modo enim huc ista sunt importata - et, dum intellegatur quid dicant, unam dicendi laudem putant esse brevitatem (Cic. De Or. 2, 51-53).

Também os próprios gregos escreveram assim no início, como o nosso Catão, como Píctor, como Pisão. De fato, a história não era nada além da composição de Anais, para guardar o fato e a memória pública, desde o início dos eventos romanos até Públio Múcio ser pontífice máximo. O pontífice máximo mencionava em cartas todos os eventos, ano a ano, e os colocava em casa em um quadro branco, para que sua essência fosse do conhecimento do povo: aqueles são os que ainda hoje se chamam Anais Máximos. Seguiram esta modalidade de escrita muitos que apenas transmitiram as lembranças dos tempos, dos homens, dos lugares e dos eventos ocorridos, sem nenhum ornamento. E assim tal foram entre os gregos Ferécides, Helânico, Acúsilas como foram para nós Catão, Píctor e Pisão, que não tinham meios com os quais se ornamentasse a oração – só há pouco estes foram importados para cá – e, até que se entenda o que dizem, julgavam ser a brevidade o único mérito do discurso.

Podemos notar que Cícero, ao descrever a função do orador, trazia como tema o uso da história. A repetição dos vocábulos com mesmo radical *ornata – exornatores – ornamentis*, mostra a preocupação que o orador deve ter em não somente escrever os fatos, mas orná-los com a verdade. Portanto, segundo Cícero, para escrever história não bastava elencar, como em um relatório, os acontecimentos, os testemunhos, como os antigos faziam, *locorum gestarumque rerum reliquerunt*. Além disso, era necessário *ornare*, comumente entendido por embelezar ou adornar.

Era esperado de um historiador que quisesse realizar a sua tarefa plenamente não só instruir o seu público, mas também comovê-lo, *commouere*, ou seja, era necessário envolvê-lo em todos os níveis. A esse respeito, Cícero escreve a seu amigo Luceio:

Etenim ordo ipse annalium mediocriter nos retinet quasi enumeratio fastorum: at uiri saepe excellentis ancipites uarii que casus habent admirationem expectationem, laetitiam molestiam, spem timorem; si uero exitu notabili concluduntur, expletur animus iucundissima lectionis uoluptate (Cic. *Ad fam.* V, 12).

Com efeito, a própria ordem dos Anais moderadamente nos retém, como uma enumeração dos fastos: mas, muitas vezes, a sorte incerta e diversa de um homem notável traz admiração, expectativa, contentamento, moléstia, esperança e temor; se, na verdade, são concluídas com êxito notável, o ânimo se encherá de um agradabilíssimo prazer da leitura.

Esse empreendimento com a história era para indivíduos que fossem capacitados para escrevê-la, e que não necessitavam especificamente de experiência direta dos fatos, mas do conhecimento da maneira apropriada para narrá-los; em Cícero, a história é *res gestae*, isto é, não só os feitos, mas também as ações ilustres e dignas de memória histórica, circunscritas às esferas política e militar.

Muitas vezes Marincola¹⁸ questiona que o aumento de emoções foi associado a um tipo particular de história, às vezes chamado de trágico ou retórico; este oferecia prazer frívolo e ilegítimo e era, ao contrário, um tipo mais sóbrio de escrever que evitava certos efeitos de persuasão como: compaixão, medo, admiração, etc. Essa visão tornaria a questão confusa: era de se esperar que alguns historiadores procurassem efeitos vazios em seus escritos, mas os seus excessos não invalidavam todas as

¹⁸ MARINCOLA, 2009: 21.

tentativas de historiadores no envolvimento emocional, presente em Tucídides. Este teve um duplo propósito, mimético e paidético: dar ao público a sensação de como era estar lá, e tirar das lições da história uma experiência mais intensa. Naturalmente, havia limites: o historiador precisava escolher com cuidado episódios que valessem emoções sérias, e que levassem a emoções apropriadas. Desde que o historiador provesse isso, a tentativa de prender o leitor emocionalmente era legítima e apropriada às funções da história.

Quanto à função da história propriamente dita e seu conceito, Cícero, no *De inuentione*, a define como *res gesta*, ou seja, fato passado e remoto da nossa memória, oposta ao termo *fabulam*, fábula, que possui critérios artísticos e não reais.

[...] *posita est, tres habet partes: fabulam, historiam, argumentum. Fabula est, in qua nec uerae nec ueri similes res continentur, cuiusmodi est: "Angues ingentes alites, iuncti iugo..."*. *Historia est gesta res, ab aetatis nostrae memoria remota; quod genus: "Appius indixit Carthaginensibus bellum"*. *Argumentum est ficta res, quae tamen fieri potuit. Huiusmodi apud Terentium: "Nam is postquam excessit ex ephebis..."* (Cic. *De inu.* I, 27).

Ela... está dividida em três partes: a fábula, a história e o argumento. A fábula é aquela em que não estão contidas coisas nem verdadeiras nem verossímeis, do mesmo modo que em: “grandes dragões alados, unidos pelo jugo...”. A História é um fato passado afastada da memória de nosso tempo; assim: “Ápio declarou guerra aos cartagineses”. O argumento é fato suposto, o qual, todavia, pode ter acontecido. Como em Terêncio: “De fato, depois que ele saiu da adolescência...”

Portanto, pode-se perceber que mesmo na função de orador, Cícero dá importância ao que era verossímil em oposição ao que era irreal, *nec uerae*, ou ainda *ficta res*, demonstrando, assim, uma preocupação romana com o que era contado em relação aos fatos passados.

Os historiadores, segundo John Marincola¹⁹, no início eram apenas os membros da nobreza, que escreviam sobre história, a exemplo de Catão, exercendo a função política de Censor. Depois, passaram a ser os homens que não possuíam cargo público (ou *otium*), incluindo aristocratas. Os primeiros e principais homens públicos eram os membros da elite: senadores, cavaleiros, *domini nobiles*, homens de letras e ex-

¹⁹ *Idem, ib.*: 12.

políticos. Não havia um estudo sistemático e nem uma metodologia para a história como na atualidade. Eles escreviam narrativas e evitavam analisar problemas históricos. Para tanto, o historiador antigo precisava ultrapassar o registro apenas objetivo, típico; precisava não somente consultar o documento e registrá-lo, mas o mesmo recriava a cena, a personagem, a atmosfera, ou seja, o ocorrido, o fato histórico.

Quanto à documentação e às referências, o historiador, segundo Funari²⁰, tinha desde a antiguidade à sua disposição textos escritos que apresentavam informações, as quais contribuíam para a verificação da autenticidade documental; nada se retira do que ela contém e nada se lhe acrescenta.

A proposta de história como algo verdadeiro é apresentada pelos escritores antigos (Heródoto, Tucídides, Políbio, etc). Os mesmos entendem a verdade como imparcialidade. Os escritores tanto gregos como romanos fazem oposição entre a verdade e a parcialidade. O leitor pode concluir algo dependendo das escolhas do escritor, este pode adicionar ou subtrair fatos, inventando ou omitindo. A imparcialidade seria uma tentativa de chegar mais perto daquilo que realmente aconteceu.

Tito Lívio utiliza-se da veracidade para escrever a história da origem de Roma. Mas, segundo Funari²¹, a História continua sendo o conhecimento por meio dos documentos, explicando que os conceitos de História e de documento foram redefinidos. A partir desse pressuposto, temos como materiais coletivos para a memória e a História, os documentos e os monumentos²².

Os monumentos, segundo Le Goff, são herança do passado e os documentos são escolha do historiador. A origem latina da palavra *monumentum* é indo-europeia e representa um instrumento particularmente proveitoso para estudar o espaço e a memória em um texto literário, porque seu significado abrange espaço e memória de uma forma complexa²³. O monumento se torna tudo aquilo que pode evocar o passado, trazer à memória, *memini*, e perpetuar a recordação, como atos escritos tanto de comemoração – escultura: arco do triunfo -, quanto uma representação fúnebre. Já a palavra latina *documentum*, derivada de *docere*, evoluiu ao longo dos anos para o

²⁰ FUNARI, 2003: 14.

²¹ *Idem, ib.*: 16.

²² LE GOFF, 2012: 509.

²³ JAEGER, 2000: 15.

sentido de “prova”, principalmente na área jurídica; mas, se houver informações verossímeis no estudo histórico, o recurso aos documentos será o meio de conhecimento inicial sobre os eventos passados. Há, portanto, uma distinção entre os eventos que ocorreram (*res gestae*) e o nosso relato a seu respeito (*historia rerum gestarum*). Com isso, entendemos que não se deve confundir o passado e o relato do passado, pois são acontecimentos intangíveis, na narrativa histórica.

Paratore cita, em *História da literatura latina*²⁴, os primeiros documentos de todas as literaturas nas origens de língua latina. Os mais relevantes para o tema historiográfico são os documentos oficiais – que eram monumentos de natureza religiosa, vida civil e militar –, as *Acta*, os *Annales*, o *Carmen Fratrum Arvalium*, o *Carmen Saliare* e as Leis das doze tábuas. Além disso, há também documentos privados, como as inscrições fúnebres; e, em poesia, as *neniae* e os *carmina convivalia*, além de registros em prosa, como as *laudationes funebres*.

Sendo assim, os primeiros registros históricos romanos nasceram com os analistas, homens que se ocuparam da anotação de fatos, geralmente ligados à administração política e ritual, a partir de uma cronologia anual. Por esse motivo, essas obras receberam o título de *Annales*. Ali eram relatados os acontecimentos daquele ano, seus dias *fastos* e *nefastos* (propícios ou nefastos). A partir desse gênero, pode-se perceber como os romanos se orgulhavam do seu passado, principalmente de sua fidelidade aos antigos costumes, *mos maiorum*.

Um grande difusor da historiografia romana foi Marco Pôncio Catão (234-149 a. C.), responsável por uma revisão da cronologia analítica chamada *Origines* (Origens); no entanto, sua obra se perdeu, restando dela apenas alguns fragmentos. Nessa mesma linha de trabalho, surgiram alguns historiadores como Célio Antípatro, Calpúrnio Pisão e Semprônio Asélio²⁵, cujas obras também se perderam.

No final do período republicano, surgiu uma nova modalidade na historiografia romana, as monografias, que discorriam sobre acontecimentos singulares ou breves períodos do tempo que pareciam importantes. Nesse grupo encontramos Júlio César (100-144 a. C.), autor dos *Commentarii De bello Gallico* (Sobre a guerra das Gálias) e *Bellum civile* (A guerra civil). Através dos Comentários, César procurou justificar,

²⁴ PARATORE, 1983: 13

²⁵ CARDOSO, 2003: 131.

diante do Senado e da sociedade romana, as suas atuações nos episódios ali descritos. Além dele, também foi autor de monografias Salústio Crispo, autor de *De coniuratione Catilinae* (Sobre a conjuração de Catilina) e *Bellum Iugurthinum* (A guerra de Jugurta), ambos fatos considerados pelo próprio escritor como marcantes e inusitados.

Outro subgênero surgido no final do período republicano foi a historiografia biográfica. Cornélio Nepos (100-25 a. C.) escreveu *De viris illustribus* (Sobre os homens ilustres), biografias de diversos personagens romanos e estrangeiros, *De excellentibus ducibus exterarum gentium* (Sobre os excelentes generais de povos estrangeiros), uma série de vidas de grandes generais estrangeiros, *M. Cato* (A vida de Catão, o Velho) e *Atticus* (Vida de Ático), seu amigo. O que mais ressalta na obra de Nepos são as informações curiosas sobre fontes e instituições romanas.

Portanto, a historiografia é sempre um produto de um lugar e de um tempo, sendo uma forma literária amplamente praticada e abundantemente criada de todos os períodos. A construção da história greco-romana era construída pela elite e para a elite, por isso, não era desinteressada nem imparcial. Estava intimamente ligada à vida pública do Estado e tinha propósito educativo e utilitário.

3. A CONSTRUÇÃO DE *AB VRBE CONDITA*, DE TITO LÍVIO

3.1. Tito Lívio e a Historiografia

Nascido em Pádua, uma cidade considerada aparentemente conservadora, Tito Lívio herdou características como o apego às tradições romanas, a austeridade e a fidelidade intransigente aos ideais da República oligárquica, mesmo sem pertencer à aristocracia senatorial. De origem humilde, estudou retórica e filosofia, chegando a uma posição confortável como escritor. As guerras civis violentas, que assolavam a região na época, provavelmente, fizeram com que o autor se mudasse para Roma, onde conquistou a simpatia do Imperador Augusto, tornando-se preceptor do jovem Cláudio, futuro imperador. Porém, pouco, ainda, se sabe sobre essa transferência para Roma, ou como enfrentou os ambientes literários e conquistou a amizade de Augusto; contudo, o mesmo, apreciava sua obra que condizia com o governo do *Princeps*, que tinha como meta principal a reconstituição e preservação da história e dos valores do legado romano desde o tempo de Eneias até os primeiros dias do Império.

Lívio consagrou todo seu tempo às letras: retórica, diálogo filosófico e, sobretudo, à construção da sua obra monumental, *História de Roma*. Seu trabalho iniciou-se entre 27 e 25 a. C.. Essa dedução parte do “fato de no capítulo 19 do livro I ele mencionar o encerramento do templo de Jano²⁶ depois da guerra do Ácio, verificado no ano de 25 a. C.”²⁷ e então, prosseguiu ao longo de sua vida trabalhando assim durante 40 anos.

Para Ettore Paratore, o autor é tradicionalista segundo o modelo de escrita ciceroniano e dá à sua narração um sentido dramático, inato, produzindo maior prazer; ultrapassando o estilo ciceroniano, no que se refere ao adorno do enredo para causar efeitos na narrativa, permanecendo num meio termo entre a escola asiática e a asianista. Ainda assim, não perde seu laço forte com a sociedade contemporânea que “é regido

²⁶ Cf. GRIMAL (2000: 258-259), Jano é um dos mais antigos deuses do panteão romano, representado com dois rostos que se opõem um olhando para frente, outro para trás. Em tempos de guerra, as portas do templo de Jano sempre ficavam abertas para que o deus a qualquer momento pudesse vir ao socorro dos romanos. Essa porta só era fechada se a paz reinava nos domínios de Roma.

²⁷ PARATORE, 1983: 454.

pelo moralismo de Augusto e pela sua tendência a restaurar os usos e os cultos tradicionais²⁸. Quanto à sua narrativa histórica, segue o critério analítico, com todos os aparatos que o configuram, como:

[...] interrupções na narrativa dum campanha para atender a outra que se desenrola ao mesmo tempo, elenco dos sonhos e prodígios, com atenção particular aos monstruosamente infaustos, cálculo das forças militares, dos despojos, das perdas, menção das honras, das cerimônias religiosas e das consagrações dos templos²⁹.

A construção dos fatos é descrita não como a dos historiadores gregos, a exemplo de Heródoto e Tucídides que se baseavam na história como experiência pessoal ou direta do fato narrado, ou seja, eram testemunhas próximas do fato, porém cada um tinha a sua própria noção de testemunha ocular.

A obra liviana faz parte da tradição de escrita analítica e retórica, pois, pretende narrar a história de Roma desde as suas origens, baseando-se na construção dos antigos *Anais* dos Pontífices. Estes tinham somente o ofício de escrever os feitos ocorridos ao longo de um ano para preservar a memória pública. Os analistas, como eram denominados tais escritores, se ocupavam da anotação de fatos, geralmente ligados à administração política e ritual. Em contrapartida, o objetivo de Lívio era ir além desse empreendimento: ele queria relatar aquilo que considerava ser parte dos típicos valores romanos do passado.

Segundo Burrow³⁰, o tema da história romana já havia sido escrito anteriormente a Tito Lívio por outros historiadores tanto gregos como Políbio, Diodoro da Sicília – um grego contemporâneo de Lívio, citando Roma em sua história universal –, e outro contemporâneo grego, Dionísio de Halicarnaso, que compôs uma obra especificamente sobre Roma com o título *Antiguidades romanas*. Infelizmente só temos metade dessa obra, que descreve a ascensão de Roma desde suas origens, supostamente destacando o caráter grego dos romanos.

Entre os autores romanos, o primeiro a escrever sobre a história de Roma fora

²⁸ PARATORE, 1983: 457.

²⁹ *Idem, ib.*

³⁰ BURROW, 2013: 123-124.

Fábio Pictor. Lívio se refere a ele de maneira crítica, porém, no livro XXII, 7, prefere fiar-se nas palavras de Fábio que como contemporâneo do acontecimento da batalha de Trasimeno poderia descrever a situação sem incorrer em exageros:

[...] *ego praeterquam quod nihil auctum ex uano uelim, quo nimis inclinant ferme scribentium animi, Fabium, aequalem temporibus huiusce belli, potissimum auctorem habuit* (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 7).

Exceto que eu não desejaria nada exagerado sem motivo, para o que se inclinam demasiadamente os ânimos dos historiadores, como, de preferência, tinha o autor Fábio, contemporâneo dos tempos desta guerra.

Conforme Burrow, Lívio é razoavelmente profuso quanto à citação de suas fontes, porque deseja mostrar qual foi seu critério de escolha em assumir a descrição de algum outro antecedente.

O paduano possui como fator de legitimidade de sua obra o conhecimento retórico, pois aprofunda as possibilidades narrativas advindas de outros autores e as ornamenta em seu próprio discurso. Cícero, no *De oratore* II, 62, discute a ideia segundo a qual o indivíduo deveria ser capaz de escrever história: “... *videtisne, quantum munus sit oratoris historia?*” (Não vês quão grande tarefa do orador seja a história?). O orador afirma que o historiador não necessitava de experiência direta dos fatos narrados, mas, sim, do conhecimento da maneira apropriada para narrá-los, ou seja, deveria ser um bom orador. Ficando em segundo plano a experiência direta dos fatos, a história passa, então, a ser tratada como gênero literário.

A composição da obra historiográfica, segundo Cícero, no *De oratore*, se dá quanto ao seguimento estrutural dos fatos passados, afirmando:

[...] *exaedificatio posita est in rebus et verbis: rerum ratio ordinem temporum desiderat, regionum descriptionem; vult etiam, quoniam in rebus magnis memoriaque dignis consilia primum, deinde acta, postea eventus expectentur, et de consiliis significari quid scriptor probet et in rebus gestis declarari non solum quid actum aut dictum sit, sed etiam quo modo? et cum de eventu dicatur, ut causae explicentur omnes vel casus vel sapientiae vel temeritatis hominumque ipsorum non solum res gestae, sed etiam, qui fama ac nomine excellant, de cuiusque vita atque natura* (Cic., *De or.*, II, 63).

A construção se estabelece em fatos e palavras: a disposição dos

fatos requer uma ordem dos tempos e uma descrição das regiões; quer também, embora primeiramente a memória esteja em grandes fatos e as deliberações em fatos dignos, depois as ações, e, por fim, os eventos são esperados. E por que o escritor demonstrará exprimir-se nas deliberações e nas ações passadas declarar não só o que foi feito ou dito, mas também de que modo? E quando se pronunciar sobre o evento, que sejam relatados não só todas as causas ou eventos de sabedoria ou de temeridade dos próprios homens, não só os fatos passados, mas ainda aqueles que excedem em fama e nome, sobre a vida e a natureza de cada um.

Tito Lívio, assim como vários historiadores greco-romanos, inicia sua obra mostrando aos leitores os objetivos de se registrar a história do povo romano. Porém, o autor se propõe a narrá-la não a partir do seu presente, mas desde a origem da fundação da cidade até seus dias. Ele se questiona sobre o cumprimento de tão grande tarefa, sabe que não pode esperar nenhuma recompensa, afirmando que vê a história como antiga e também conhecida em comparação a outros escritores, que acreditam poder acrescentar-lhe algo novo:

Facturusne operae pretium sim si a primordio Urbis res populi Romani perscripserim nec satis scio nec, si sciam, dicere ausim, quippe qui ueterem tum uolgatam esse rem uideam, dum noui semper scriptores aut in rebus certius aliquid allaturos se aut scribendi arte rudem uetustatem superaturos credunt (Tit. Ab. Urb. cond., Praef. 1-2).

Alcançarei o mérito do trabalho, se escrever a história do povo romano desde os primórdios de Roma. Não sei o suficiente nem, se soubesse, ousaria dizer, visto que vejo o feito antigo ser então difundido, enquanto os novos escritores sempre acreditam ou que contarão algo mais verdadeiramente sobre os feitos, ou que excederão a velhice rude na arte de escrever.

Logo a seguir, Lívio se propõe a relatar da melhor maneira possível, os feitos do mais importante dos povos; pois, para ele escrever a história do povo romano é *iuuabit*, é prazeroso, é agradável, é útil, afirmando que contribui para o registro dessa memória dos atos praticados, *rerum gestarum memoriae*:

Vt cumque erit, iuuabit tamen rerum gestarum memoriae principis terrarum populi pro virili parte et ipsum consuluisse; et si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum me qui nomini officient meo consoler (Tit. Ab. Urb. cond., Praef. 3)

Seja como for, será um prazer, no entanto, eu mesmo também haver contribuído de minha parte para a memória dos atos praticados do principal povo da terra. E se, em meio a tão grande multidão de escritores, a minha fama permanecer na sombra, eu me consolarei com a nobreza e grandeza daqueles que irão se colocar diante do meu nome.

Lívio demonstra uma peculiaridade com relação aos historiadores precedentes, pois diz não almejar fama, haja vista que o que o consola é a nobreza e a grandeza dos que o ofuscarão. Podemos ver, ainda nessa afirmação, a utilização de um recurso retórico, a falsa modéstia, porque o narrador, através da recusa de um engrandecimento por seu trabalho, acaba inversamente louvando seu mérito: seu trabalho pela sua extensão e importância acabará superando os anteriores e estimulando os seguintes, além de se tornar o mais extenso (*immensi operis*):

Res est praeterea et immensi operis, ut quae supra septingentesimum annum repetatur et quae ab exiguis profecta initiis eo creuerit ut iam magnitudine laboret sua, et legentium plerisque haud dubito quin primae origines proximaque originibus minus praebitura uoluptatis sint, festinantibus ad haec noua quibus iam pridem praeualentis populi uires se ipsae conficiunt (Tit. Ab Urb. cond., Praef. 4)

Além disto, o feito é de grande trabalho, de modo que remonta mais de setecentos anos e tendo partido desde o tímido princípio crescera tanto que sofre agora com sua grandeza, e para a maioria dos leitores não duvido que darão menos prazer as primeiras origens e a seguinte às origens, apressando-se rumo a estes novos tempos, nos quais as forças do povo, antes vigoroso, destruíram a si próprias.

A historiografia romana está plena da ideia da moralidade e dos antigos costumes, e o historiador romano se torna um porta-voz do *mos maiorum*. Tito Lívio explica ao seu leitor a finalidade dessa tarefa e diz que irá exaltar o passado mais remoto, indicando os motivos da decadência do passado no presente:

Sed haec et his similia utcumque animaduersa aut existimata erunt, haud in magno equidem ponam discrimine: ad illa mihi pro se quisque acriter intendat animum, quae uita, qui mores fuerint, per quos uiros quibusque artibus domi militiaeque et partum et auctum Imperium sit; labente deinde paulatim disciplina uelut desidentis primo mores sequatur animo, deinde ut magis magisque lapsi sint, tum ire coeperint praecipites, donec ad haec tempora quibus nec uitia nostra nec remedia pati possumus peruentum est (Tit. Ab Urb. cond., Praef. 8-9).

Mas, estes fatos e os semelhantes a estes de qualquer modo que sejam observados ou considerados, na verdade não darei grande importância a isso; cada um por si fique atento a elas: que vida houve, quais foram os costumes, por quais homens e por quais artes na paz e na guerra seja o Império adquirido e ampliado; depois pouco a pouco decaindo a disciplina do mesmo modo segue os costumes com um primeiro espírito de discordante, em seguida, como cada vez mais decaem, então precipitados teriam começado a ir, até que chegou a estes tempos, em que não podemos suportar nem nossos vícios nem os antídotos.

O narrador instituiu em seu trabalho o valor moral, os *mores*, os bons costumes como sendo a referência útil do fato de contar a história. Lívio relembra os bons exemplos, a boa conduta, para os bons cidadãos que exercem boas virtudes.

Acerca desse resgate dos bons costumes através de antigos exemplos, nos deteremos, a seguir, no que, segundo Marques, é o detalhamento dos “valores emblemáticos da identidade romana relacionados com as medidas do primeiro imperador³¹”.

3.2. *Ab Vrbe condita*: contexto histórico

Com a morte de Caio Júlio César (44 a. C.), o panorama sócio-político de Roma se modificou. Inicia-se um segundo triunvirato, que se arroga a missão de reorganizar o estado, ainda que por pouco tempo, composto por Marco Antônio, Lépido e Otávio.

Após a dissolução do triunvirato devido à queda de Lépido, fica a encargo de Marco Antônio e de Otávio a divisão do governo. Marco Antônio repudia a irmã de Otávio e se une a Cleópatra, rainha do Egito; esta procura colocar Marco Antônio contra Otávio, provocando assim a batalha de Ácio (31 a. C). Nesta guerra, Otávio sai como vencedor, dominando todo o império.

No governo de Otávio, ocorreram grandes conquistas que foram anexadas ao Império Romano como os domínios de Egito, Cantábria, Dalmácia, Panônia, Aquitânia,

³¹ MARQUES, 2013: 64.

Ilíria, Récia, Vandelícia e Alpes. Sem contar as muitas batalhas que Otávio venceu contra dácios e germanos. Após a batalha de Ácio, Otávio torna-se absoluto no poder estabelecendo uma monarquia despótica.

No período de 27 a. C., o Senado apresenta sua submissão incondicional, reconhecendo o poder do filho adotivo de César, concedendo-lhe o título de *Augustus*, que só era dado aos deuses, em gratidão por Otávio ter restaurado o Senado em seus aspectos republicanos. O cargo religioso de *pontifex maximus* foi atribuído a Augusto em 12 a. C., cargo este que todos os seus sucessores detiveram até que Graciano e Teodósio o abolissem, por considerarem-no pagão. Além disso, Augusto possuía em seu domínio tesouros pessoais (o *fiscus*), seu próprio conselho privado, funcionários particulares e guarda pretoriana.

Pode-se listar, em resumo, algumas características essenciais do governo de Otávio: a aspiração por um desejo geral de paz sentido pelos romanos que estavam cansados das guerras, a *pax romana*, quando Otávio decide fechar as portas do templo de Jano, e a promoção de uma política habilidosa criando um exército permanente, atraindo a plebe através da política do *panis et circenses* (pão e circo).

Augusto, que recebeu o título de *Imperator* (27 a. C.), era o primeiro no Senado e único chefe dos exércitos. Ao longo do seu governo, transformou-se em um excelente administrador, a começar pela repressão à desordem que se espalhava por Roma e por toda a Itália, para isso abriu novas estradas e reconstruiu Roma.

Promove-se, nessa época, um elo maior entre diversos escritores e Otávio, que delegou a homens como Asínio Polião, Valério Messala Corvino e Mecenas a formação dos chamados círculos literários, promotores e patrocinadores de artistas que se predispunham a mostrar suas obras em espécies de apresentações públicas e particulares. Este período se caracterizou como um dos mais fecundos da literatura latina, pois suas produções favoreciam ao próprio governo de Augusto e seus ideais. Os poetas e escritores eram uma espécie de propagadores de suas proezas, registrando-as a serviço da Pátria.

Com o decorrer das guerras civis, Roma tinha perdido muitas das suas antigas tradições. Havia ameaças à austeridade romana, como a importação de cultos estrangeiros e o conseqüente abandono dos deuses nativos; o gosto pela novidade e a

mania do entretenimento extravagante³².

Nesse contexto de grande preocupação em restaurar os antigos costumes, o *mos maiorum*, que eram próprios da sociedade romana, e com o apoio do Imperador que estava decidido a realizar mudanças e buscar uma renovação estrutural e urbanística, Tito Lívio procurou contribuir para promover o restabelecimento da *res publica* tradicional dando início à elaboração da *História de Roma*.

A tradição e a renovação eram pontos políticos e morais que estavam no plano de restauração do governo. Para que compreendamos melhor essa promoção do governo de Augusto, seu investimento na historiografia de Lívio e a construção da sua obra é necessário que delineemos alguns ideais morais e políticos romanos que serão analisados especificamente no capítulo seguinte, por fazerem parte da construção narrativa das batalhas, das personagens e ações que as constituem. Os valores mais comumente mencionados por Tito Lívio que caracterizam o século de Augusto são: a *pietas*, a *fides*, a *concordia ordinum* e o conjunto dos *mores maiorum*.

Na construção da *História de Roma*, Tito Lívio mostra sua preocupação com a perda, vinda de longo tempo, das virtudes e das tradições romanas. Por isso, podemos verificar que o autor direciona seu foco para as tradições, as lendas de atos patrióticos, os mitos fundadores e aquilo que sobreviveu dos antigos Anais.

Quanto à construção geral da narrativa, Lívio se adensa e se organiza em blocos constituídos por uma temática fundamental, como na composição da terceira década (XXI-XXX) que desenvolve os fatos ocorridos no período da Segunda Guerra Púnica de maneira sequencial. Paratore cita algumas características gerais importantes na narrativa liviana, como suas personagens ilustres que possuíam discursos significativos no desenrolar dos acontecimentos históricos e o uso de “digressões de alta importância ideológica³³”. Assim, segundo Paratore, Lívio esboça os retratos físicos e morais das grandes personagens, antes ainda de narrar suas façanhas e feitos, como na descrição que faz ao falar de Aníbal no livro XXI.

³² Cf. BURROW, 2013: 130-131.

³³ PARATORE, 1983: 459.

4. AS NARRATIONES DAS BATALHAS DE TRASIMENO E CANAS

Antes de iniciarmos a análise das *narrationes* das batalhas de Trasimeno e Canas, é importante que recordemos os significados da palavra *narratio*: ação de narrar, narração; narrativa, ação de contar, exposição escrita ou oral de um fato, expor minuciosamente; relatar, referir³⁴. A narração (*diegésis*), segundo Olivier Reboult, “é a exposição dos fatos referentes à causa, exposição aparentemente objetiva³⁵”. O autor afirma que é na narração que se devem apresentar três qualidades: clareza, brevidade e credibilidade. A clareza deve ser evidenciada pelos termos empregados no discurso, pela disposição e organização do texto, de preferência cronológica, porém podendo recorrer aos retornos. Na brevidade, deve-se eliminar tudo o que seja inútil para tornar o texto o mais sucinto possível; já no tocante à credibilidade, o texto deve ser verossímil, de modo a suscitar a confiança do público no que está sendo exposto.

Políbio, em sua *História*, pondera como em um discurso histórico deve-se dar atenção especial à verdade, assim ele mesmo questiona a provável falta da verdade nos textos de dois historiadores gregos, Filinos e Fábio:

No menos que todo lo aducido me ha incitado a detenerme en esta guerra e hecho de que los que parece que han escrito con mas conocimientos de ella, Filino y Fabio, no nos han transmitido la verdad como hubiera debido de ser. No supongo que estos hombres hayan mentido a proposito, a juzgar por sus vidas y sus ideas. Pero creo que les ha ocurrido aproximadamente lo que a los enamorados (Pol. *Hist.* I, 14)

Políbio escreve a sua obra com uma grande preocupação: a veracidade do relato. O que vai lhe importar é a comprovação dos fatos para poder confrontá-los com a realidade exposta em outros relatos escritos e orais, já que ele não vivencia a maioria dos fatos narrados, chegando a questionar suas fontes anteriores e contemporâneas; como se pode ver no exemplo citado, Filinos e Fábio foram criticados por Políbio pela ausência de questionamento acerca do que dizem.

Políbio ainda critica a escrita de Filarcos por este colocar em sua narrativa um tom trágico ao descrever a Guerra Cleomênica e toda a escrita de sua *História*:

³⁴ SARAIVA, 2006: 767.

³⁵ REBOUL, 2004: 56.

Filarco quiere provocar la compasion de sus lectores y hacerles sintonizar con su relato, de modo que describe teatralmente mujeres que se abrazan; sus cabelleras flotan y sus pechos estan al descubierto. Nos habla de llantos y alaridos de hombres y mujeres a los que se llevan, revueltos con sus hijos y sus padres. Este es el procedimiento habitual de su historia, tendente siempre a poner horrores a la vista de todos. (Pol. *Hist.* II, 56).

O estilo de escrita que Filarcos descreve é comparado à tragédia. Políbio divide as funções dos dois tipos de escrita: para ele, a função do tragediógrafo é emocionar e encantar os espectadores, mas a tarefa do historiador é instruir e convencer permanentemente os estudiosos com a verdade dos fatos e das palavras (Pol. *Hist.* I, 14). Portanto, não cabe ao historiador escrever o provável, mas sim a verdade, que tem a função de ser útil àqueles que se servem do conhecimento.

Aristóteles, na *Poética*, também estabelece uma distinção entre verdade poética e verdade histórica. Para ele a diferença não se encontra na estrutura da escrita, pois que a poesia é escrita em verso e a história em prosa, mas a primeira é uma arte “do que pode acontecer” enquanto que a segunda prima por “contar o que aconteceu”.

Portanto, a poesia é mais filosófica e tem um carácter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História o particular (Arist. *Poét.* 9, 1451b).

Será objeto de nosso estudo a narrativa que Lívio faz sobre o período da Segunda Guerra Púnica relatada nos livros XXI ao XXX. A exposição dos fatos que surgirão é contada a partir da introdução (ou exórdio³⁶), localizada no primeiro capítulo da década, onde o autor declara que irá narrar a memorável guerra feita entre os cartagineses comandados por Aníbal e os romanos.

In parte operis mei licet mihi praefari, quod in principio summae totius professi plerique sunt rerum scriptores, bellum maxime omnium memorabile quae unquam gesta sint me scripturum, quod Hannibale duce Carthaginienses cum populo Romano gessere. Nam neque ualidiores opibus ullae inter se ciuitates gentesque contulerunt arma neque his ipsis tantum unquam uirium aut roboris fuit; et haud ignotas belli artes inter sese sed expertas primo Punico conferebant bello, et adeo uaria fortuna belli ancepsque Mars fuit ut propius periculum fuerint qui uicerunt. Odiis etiam prope maioribus certarunt quam uiribus, Romanis indignantibus quod uictoribus uicti ultro inferrent arma, Poenis quod superbe auareque crederent

³⁶ Conforme as regras da retórica.

imperitatum uictis esse (Tit., *Ab Urb. cond.*, XXI, 1).

Nesta parte da minha obra me é permitido começar a falar o que os escritores na sua grande maioria declaram no princípio da obra, irei escrever a mais memorável de todas as guerras que jamais se fizeram, a qual os Cartagineses, sendo Aníbal chefe, combateram com o povo romano. Com efeito, nenhuma cidade nem povo mais superiores em forças combateram entre si; e nunca houve tamanha força ou robustez entre eles mesmos; e nunca houve tamanha força ou robustez entre eles mesmos; e punham em prática artes bélicas não desconhecidas entre si, mas já experimentadas na primeira guerra púnica e, portanto, por uma sorte diversa da guerra Marte³⁷ foi ambíguo de modo que aqueles que venceram estiveram mais perto do perigo. Lutaram até com ódios em certo modo superiores às suas forças, indignando-se os romanos de os vencidos, tomando a ofensiva, provocarem os vencedores, visto que acreditassem serem mandados com arrogância e cobiça pelos cartagineses vencidos.

Quando Lívio trata da mais memorável de todas as guerras, *bellum maxime omnium memorabile*, mostra-nos uma exaltação do acontecimento, não sendo este um fato qualquer, mas sim digno de ser lembrado, assim como um monumento. Jaeger afirma que a ideia de *monumentum* é uma ferramenta particularmente útil para estudar um fato histórico em um texto literário, pois o trazer à memória tem a função de exaltar, louvar.

The word monumentum, then, denotes a reminder, but one that also exhorts. Present temporally as well as spatially, Janus-like in pointing back to the past and forward into the future, from the viewer's perspective monumenta link together all of time. Because a monumentum presupposes an audience to remind, Latin writers generally use the word for reminders that are exposed to the public view. These range from buildings to place-names; from items made for the purpose, like inscriptions and statues, to acquired marks, like scars and mutilations; and from published versions of speeches to trophies and spoils. As enduring material tokens of the past, monumenta exist physical space (or as toponyms, they distinguish a place from its surroundings) and themselves produce hybrid places where natural space and time intersect with what might be called "monumental space" when a person moving through this monumental space to the person, place, or event that the monumentum commemorates, and the monumentum projects

³⁷ “Marte é o deus romano identificado ao Ares helênico. Na época clássica, Marte surge em Roma como deus da Guerra. Marte, deus guerreiro, é também o deus da Primavera, porque a época da guerra começa com o fim do Inverno. É o deus da Juventude, porque a guerra é atividade da juventude. É ele quem guia aquando das “Primaveras sagradas”, os jovens que emigram das cidades sabinas, para fundar novas cidades e encontrar novos locais para se estabelecerem” (GRIMAL, 2000: 291-292).

*them forward into the future.*³⁸

Com relação à exaltação e louvor dos feitos relatados, Lívio mostra, no início da sua narração a importância da Guerra Púnica, e define ao leitor o tema central desta parte da sua obra. Por isso, escreve um exórdio para apresentar a temática bélica, elevando-a a um dos maiores feitos de todos os povos e nações, com a preocupação de dizer que não é o único escritor que assim o faz. Então, podemos verificar que Lívio, assim como vários escritores tanto de prosa quanto de poesia, construía seu discurso seguindo a disposição do texto em quatro partes: exórdio, narração, confirmação e peroração.

No exórdio, Lívio antecipa o resultado dessa guerra, indicando ao leitor quem serão os vencedores e os vencidos, ainda que fossem combates instáveis e indecisos, concluindo que os vencedores foram os que estavam mais propícios aos perigos, para logo em seguida iniciar de fato a narrativa, relatando a infância do futuro general cartaginês, Aníbal.

Após fazer o exórdio do assunto que tratará no seu conjunto de livros, a saber a terceira década, Tito Lívio parte para o foco de sua narrativa: a descrição de como começaram os ataques a Sagunto, dando início à Segunda Guerra Púnica. O tema bélico, como afirma Burrow (2013: 122), desde Heródoto sempre inspirou e estimulou vários historiadores da antiguidade, pois que a rememoração das conquistas tanto para romanos, quanto para gregos geravam discursos de encorajamento pelos generais às tropas antes das batalhas, servindo assim o relato histórico como exemplo a ser seguido. Em Tito Lívio, a descrição dos fatos e feitos que giram em torno da guerra se acentua com base na questão moral, dos exemplos e de todo o resgate de valores que a guerra termina assim por fortalecer.

³⁸ “A palavra *monumentum*, então, simboliza um lembrete, mas é algo que também exorta. Presente, temporalmente, bem como espacialmente, como *Janus* apontando para o passado e para frente em direção ao futuro; do ponto de vista do espectador os *monumenta* ligam todas as épocas. Porque um *monumentum* pressupõe lembrar uma audiência, os escritores latinos geralmente usam a palavra como lembretes que são expostos à visão do público. Estes abrangem desde edifícios a nomes de lugares, de itens feitos para uma ocasião, como inscrições e estátuas, até marcas adquiridas, como cicatrizes e mutilações; e de versões publicadas de discursos até troféus e despojos. Como símbolos materiais duradouros do passado, os *monumenta* existem no espaço físico (ou como topônimos, eles distinguem um lugar do seu entorno) e eles mesmos produzem lugares híbridos onde espaço natural e tempo se cruzam com o que poderia ser chamado de “espaço monumental”, quando uma pessoa se movendo através do espaço natural em direção a uma pessoa, um lugar, ou evento que o *monumentum* comemora, e o *monumentum* o projeta para frente, para o futuro (JAEGER, 2000: 17-18).

Para construir sua narrativa acerca das batalhas que aqui estudamos, Lívio procurou descrever sua visão do fato histórico baseado em fontes historiográficas escritas por diversos autores que o precederam, alguns de origem grega como Políbio, outros romana como Fábio Pictor, inclusive citado no livro XXII, 4 durante a narrativa das consequências da batalha em Trasimeno. Tanto Políbio quanto Fábio são autores que foram contemporâneos às batalhas, ouviram e viram os fatos em sua época de existência, porém para contar sobre as batalhas da Segunda Guerra Púnica, Tito Lívio recorre a tais fontes, pois que este período da história é distante do seu tempo real de vivência³⁹.

Quanto à estruturação na construção da descrição narrativa das batalhas de Trasimeno e de Canas, é importante que atentemos à complexidade que possui a organização de uma obra literária do texto historiográfico. Pois que, segundo Danziger e Johnson (1974: 26), cada obra é construída e interpretada de várias maneiras tendo em si seus diversos componentes, e afirmam: “cada obra não só possui uma estrutura, mas é uma estrutura”. Portanto, se analisarmos a estrutura da narrativa que Lívio nos proporciona no seu relato sobre as batalhas de Trasimeno e de Canas, veremos que nos fornece componentes tais como: o enredo, as personagens, o cenário, o tom e o estilo.

Sobre o enredo, Danziger e Johnson conceituam:

Na sua essência, o *enredo* constitui uma narrativa de ação motivada, envolvendo algum conflito ou problema que será finalmente resolvido. [...] O enredo é, pois, uma narrativa, não necessariamente cronológica, mas que altera muitas vezes o padrão normal de sequência do tempo, e uma narrativa de ação motivada⁴⁰.

Podemos observar, então, que o enredo construído no texto liviano, em sua maioria, é descrito em ordem cronológica, pois afinal o objetivo do narrador é apresentar a história de Roma desde a sua origem. Para isso, ele descreve os fatos e narra os combates seguindo uma ordem de tempo e de sequência. Além desse recurso sequencial de narrativa cronológica de batalhas (início, meio e fim), Lívio também utiliza a técnica de rememoração e antecipação do resultado dos combates: no livro XXII, 54, após a descrição do combate em Canas, o autor traz à memória os acontecimentos semelhantes que ocorreram no combate anterior em Trasimeno,

³⁹ BURROW, 2013: 123-124.

⁴⁰ DANZIGER E JOHNSON, 1974: 32-33.

deixando evidente o registro dos eventos, utilizando-se de um paralelismo entre as cenas. Quando também recorre à rememoração citando a personagem Cipião, Lívio já nos antecipa que a personagem desde jovem (XXII, 53) já fora predestinado para vencer a Segunda Guerra Púnica, como a pessoa que levaria a vitória final aos romanos.

4.1. A concepção da batalha de Trasimeno

Na descrição do combate em Trasimeno, lago da Etrúria, Lívio inicia o relato afirmando que o general Aníbal Barca, do exército cartaginês, fez provocações ao cônsul e general do exército romano, Caio Flamínio. Aníbal ficou sabendo que o exército romano estava sob os muros de Arécio, cidade da Etrúria, assim investigou os projetos e o estado de espírito do cônsul, a região territorial e todos os fatores para um possível confronto. Flamínio, que não temia o Senado, nem as leis nem sequer os deuses, agia com petulância e precipitação. Esse gênio imperioso do cônsul incitou o cartaginês, realizando todos os desmandos possíveis e provocando em Flamínio um sentimento de desonra. Este, irritadíssimo com a afronta, coordena o exército em linhas, e ainda que os oficiais não tenham aprovado o plano, dá início à batalha.

Aníbal, assim, arma uma emboscada para o exército romano, pois que, por conhecer o território situado entre Cortona e o lago Trasimeno, planeja o palco de guerra deste combate. Acampa, com uma parte do seu exército, à descoberta na entrada do desfiladeiro, e a outra parte em oculto entre as colinas. Quando os romanos chegam, já estava no início da noite e mal se via o terreno, contudo o exército se estendeu sobre a planície e quando se deram conta estavam cercados.

Quando começa o combate, o cônsul romano mostrava-se calmo, exortava aos soldados para que não recuassem e combatessem com pronto ânimo. A batalha durou cerca de três horas; contudo muitos se dispersaram, e em fuga se jogaram no rio e muitos morreram afogados.

Somente baixada a neblina, em virtude do calor do sol, ficou evidente a completa derrota: foram mortos em campo cerca de quinze mil romanos e, apesar de terem procurado pelo corpo do cônsul Flamínio, este não foi encontrado. Em Roma, em praça pública, se ouviu sobre a derrota com enorme terror e tumulto. Após estas

notícias, os pretores se reuniram com o Senado durante dias a fim de discutirem quais seriam os planos de ataque contra os cartagineses vencedores.

4.1.1. O retrato do inimigo

Além da descrição do combate, Tito Lívio também escreve informações detalhadas e características sobre as personagens que tiveram importância para os vencedores e para os vencidos (Roma e Cartago). E, quando analisamos a descrição das personagens nos episódios relatados pelo autor, verificamos que a exposição das mesmas se dá mediante a narração do fato ocorrido, logo cada personagem conforme é inserida no contexto se torna “um dos elementos mais importantes na estrutura do acontecimento histórico⁴¹”.

Danziger e Johnson refletem sobre o assunto “personagem” e esclarecem que existem várias maneiras pelas quais o autor pode caracterizar as pessoas: “No papel de narrador, ele pode descrever e julgar essas criaturas [...]. Por vezes, as descrições e juízos não devem ser interpretados literalmente, dada a sua intenção irônica” (1974: 39).

Logo, ao fazer a análise de cada retrato apresentado por Lívio, é importante que nos atentemos para cada ponto em comum e divergente nas descrições das personagens nas batalhas. Danziger e Johnson conceituam as chamadas “personagens planas” (*flat characters*) e as “personagens redondas” (*round characters*), ambas as classificações demonstram elementos importantes na estrutura da construção da narrativa. Os “planos” caracterizam as personagens que seriam os chamados protagonistas ou heróis, porém os “redondos”, seriam por assim dizer os antagonistas ou vilões (1974: 39-40)⁴².

O primeiro retrato que Tito Lívio nos fornece é a imagem do inimigo, Aníbal Barca. O autor nos apresenta esta personagem logo no início de sua narrativa sobre a Segunda Guerra Púnica, e o mesmo percorre toda a narrativa da guerra. Ele o anuncia

⁴¹ DANZIGER E JOHNSON, 1974: 39-40.

⁴² Assim como Danziger e Johnson, Flávio Kothe, no livro *O herói*, faz uma introdução estabelecendo duas habituais categorias sobre os personagens, que as chama de “personagem plano” e “personagem esférico”. Para ele, o “plano” diz respeito aos traços simples e permanentes na caracterização de uma pessoa; porém, o “esférico” se modifica e é complexo. Contudo, conclui que ainda que sejam termos úteis à análise, são insuficientes, porque não há nada mais plano que o formato de uma esfera. (KOTHE, 1987: 5).

no primeiro capítulo do livro XXI, utilizando o termo: *fama est* (conta-se), termo que demonstra a consulta de fontes anteriores, porém não define nesta passagem a origem da mesma. O autor começa a escrever sobre a história de Aníbal Barca, que, aos nove anos de idade, fez um juramento diante do altar do deus de seu Pai, Amílcar Barca, e, logo que pudesse, seria inimigo do povo Romano: *se cum primum posset hostem fore populo Romano* (Tit. *Ab Urb. cond.* XXI, 1) - “Assim que pudesse seria inimigo do povo romano”.

Com a morte de Amílcar e a pouca idade de Aníbal para governar, Tito Lívio diz que Asdrúbal foi escolhido para assumir o poder supremo, *in imperio positus*; porém o mesmo fora assassinado por um bárbaro, que buscava vingança pelo seu senhor anteriormente morto por Asdrúbal, e que terminou por reinar durante oito anos. Para substituição deste, cogitaram Aníbal; como ainda era muito jovem para o cargo, o Senado decidiu então enviá-lo à Espanha para o serviço militar.

Quando Aníbal chega ao acampamento dos seus, o historiador começa a descrever as suas qualidades e habilidades, porém, dentre tantos méritos, o autor relata também seus enormes vícios:

Nunquam ingenium idem ad res diuersissimas, parendum atque imparandum, habilis fuit. [...] Plurimum audaciae ad pericula capessenda, plurimum consilii inter ipsa pericula erat [...] Caloris ac frigoris patientia par. [...] Has tantas uiri uirtutes ingentia uitia aequabant, inhumana crudelitas, perfidia plus quam punica, nihil ueri, nihil sancti, nullus deum metus, nullum ius iurandum, nulla religio. (Tit. *Ab Urb. cond.* XXI, 4)

Nunca houve gênio igual mais hábil para mandar e para obedecer a diversíssimos feitos. [...] tinha muita audácia para afrontar os perigos, e muita prudência em meio aos próprios perigos [...] tinha igual resignação para o calor e para o frio. [...] Os grandes vícios igualavam estas tantas virtudes de varão, crueldade desumana, uma perfídia mais que púnica, nenhuma sinceridade, nenhuma proibidade, nenhum valor de juramento, nenhuma religião.

Nesta apresentação de um dos maiores inimigos de Roma, Tito Lívio o caracteriza de várias formas, ora apresenta suas qualidades, ora demonstra seus defeitos. Quando assim o faz, o autor se utiliza do discurso epidíctico, que segundo Olivier Reboul (2004: 44-45) é um gênero oratório que dirigido a espectadores pode censurar,

louvar “ora um homem, ou uma categoria de homens, como os mortos na guerra, ora uma cidade, ora seres lendários”; assim, o autor pelas informações apresentadas ora exalta, ora censura o comportamento de Aníbal. Aristóteles, na *Retórica* estabelece que esse recurso seja um meio de gerar a persuasão:

Uma vez que o uso dos discursos persuasivos tem por objecto formular um juízo (pois acerca daquilo que sabemos e temos juízo formado já não são precisos mais discursos), usamos o discurso nos casos seguintes... (Arist. *Ret.* II, 18, 1391b).

Tito Lívio descreve as qualidades, *uirtutes*, e as deficiências de caráter, os vícios, os *uitia* de Aníbal. A utilização desse recurso conforme afirmam Danziger e Johnson (1974: 39) pode descrever uma personagem de vários modos: pode-se descrever e julgar com intenção irônica, exaltar seus feitos e ações ou mesmo seus exemplos e sentimentos. Ao analisarmos as características desse tipo de discurso, percebemos que é um meio utilizado com o objetivo de ser útil aos que lerão a história, um *exemplum*; assim, quando se está fazendo um elogio a um herói ou, como no caso de Aníbal, um anti-herói, está se reforçando o sentimento cívico e patriótico, o nobre e o vil⁴³ que o inimigo desperta em sua essência. Logo, o gênero epidíctico vai persuadir o público, louvando ou censurando através das virtudes e vícios, suscitando no espectador valores tanto nobres, quanto vis.

4.1.2. Os retratos dos romanos

Na narrativa da batalha de Trasimeno, destaca-se a personagem de Caio Flamínio, eleito cônsul antes da batalha, a quem coube em sorte as legiões que invernavam em Placência – *consulum designatorum alter Flaminius, cui eae legiones quae Placentiae hibernabant sorte euenerant* (Tit., *Ab Urb. cond.* XXI, 63) – “Flamínio, outro dos cônsules nomeados, a quem coube por sorte as legiões que invernavam em Placência”. Segundo Alföldy, a aristocracia senatorial, em IV a. C., se diferenciava na sociedade romana através do seu comportamento, pela posse de terras e pela fortuna, e se constituía, a princípio, como um grupo individualizado; porém, poderiam ter acesso a esse grupo aqueles que não possuíam familiares ligados ao Senado, chamados de “homens novos”, *homines noui*, dentre os quais constava Caio Flamínio:

⁴³ REBOUL, 2004: 45.

Foi um *homo nouus*, Caio Flamínio, quem promulgou, entre as duas guerras púnicas novas medidas favoráveis aos camponeses, entrando frequentemente em conflito com os iguais devido às suas opiniões políticas e religiosas⁴⁴.

Após assumirem o consulado, tanto Cneu Servílio quanto Caio Flamínio deveriam se submeter ao Senado e aos deuses, promovendo cultos. Porém, Flamínio não seguiu os ritos plenamente e se dirigiu ao acampamento com aqueles que estavam às suas ordens, suscitando nos senadores grande ira. Estes diziam: *duos se consules creasse, unum habere; quod enim illi iustum imperium, quod auspicium esse?* (Tit., *Ab Vrb. cond.* XXII, 1) – “Os dois se nomearam cônsules e só havia um; com efeito, que espécie de comando legítimo tinha ele, que auspício?”

Lívio, ao narrar o não cumprimento do culto aos deuses, expõe justificativas auspiciosas e consequências maléficas que recairiam sobre o povo devido à falta de temor que Flamínio tivera para com as autoridades religiosas:

Augebant metum prodigia ex pluribus simul locis nuntiata: in Sicilia militibus aliquot spicula, in Sardinia autem in muro circumeunti uigilias equiti scipionem quem manu tenuerit arsisse et litora crebis ignibus fulsisse et scuta sanguine sudasse (Tit., *Ab Vrb. cond.* XXII, 1).

Os prodígios anunciados ao mesmo tempo em vários lugares aumentavam o medo: na Sicília alguns dardos dos soldados; na Sardenha, contudo, ardeu o bastão que tinha na mão um cavaleiro que fazia as vigílias na muralha e as praias brilharam com numerosos clarões e os escudos escorreram com sangue.

Além da descrição desses prodígios originados pela saída repentina de Flamínio de Roma da falta de promoção de culto aos deuses, Lívio traça as características físicas e morais desse mesmo cônsul. Flamínio era orgulhoso e se sentia assim porque era o seu primeiro consulado; portanto, não temia nem a majestade das leis, nem ao Senado, menos ainda os deuses: *consul ferox ab consulatu priore et non modo legum aut parum maiestatis sed ne deorum quidem satis metuens* (Tit., *Ab Vrb. cond.* XXII, 3) – “O cônsul feroz desde o consulado anterior não receava pouco as leis ou a majestade, nem mesmo bastante os deuses”.

⁴⁴ ALFOLDY, 1989: 49.

A causa dessa prepotência se baseava na fortuna que possuía tanto nas empresas militares, quanto políticas: *hanc insitam ingenio eius temeritatem fortuna prospero ciuilibus bellicisque rebus successu aluerat* (Tit., *Ab Vrb. cond.* XXII, 3) - esta temeridade natural ao seu gênio a fortuna nas empresas políticas e militares a tinha sustentado, com grande sucesso.

Lívio, antes de relatar o acontecimento da batalha em Trasimeno, descreve o perfil de Flamínio, um cônsul de caráter prepotente, orgulhoso, petulante e precipitado: *Itaque satis apparebat nec deos nec homines consulentem ferociter omnia ac praepropere acturum* (Tit. *Ab Vrb. cond.* XXII,3) – “E assim mostrava bastante que sem consultar os deuses e nem os homens faria tudo valentemente e com precipitação”.

Para afrontar o cônsul, o general cartaginês se aproveita desses vícios como estratégia para iniciar o combate, estimulando-o (*agitare*), irritando-o (*inritare*)⁴⁵, provocando então um sentimento de desonra pessoal, não deixando que o cartaginês agisse imprudentemente aos olhos de todos. A deliberação de Flamínio expõe a opinião de que deveria se esperar o segundo cônsul para unirem os dois exércitos, a cavalaria e as tropas ligeiras dos aliados; então Flamínio, irritadíssimo, ignora-os e dá ordens de marcha e combate.

Caindo na emboscada de Aníbal, o exército de Flamínio é levado para a região entre o lago Trasimeno e as montanhas. Mesmo diante do perigo, Lívio relata que Flamínio se mantém calmo e ainda orienta os soldados que se mantenham com ânimo firme:

Consul percussis omnibus ipse satis ut in re trepida impavidus, turbatos ordines, uertente se quoque ad dissonos clamores, instruit ut tempus locusque patitur, et quacumque adire audiri que potest, adhortatur ac stare ac pugnare iubet: nec enim inde uotis aut imploratione deum sed ui ac uirtute euadendum esse; per medias acies ferro uiam fieri et quo timoris minus sit, eo minus ferme periculi esse (Tit. *Ab Vrb. cond.* XXII, 5).

Estando todos abalados, o próprio cônsul, bastante impávido, como em má circunstância, instrui as filas desordenadas, que se voltam cada um para os diferentes clamores, visto que o tempo e o lugar o permitiam, e, em todos os lugares em que pode ir e ser ouvido, exorta-os e a

⁴⁵ Tit. *Ab Vrb. cond.*, XXII, 3, em ambos os exemplos.

permanecerem e combater: pois não era com votos nem com súplicas aos deuses, mas com força e com a coragem deveriam escapar; pelo meio das linhas que se abria caminho a ferro; e quanto menor era o temor, tanto menor ordinariamente era o perigo.

Mesmo em meio ao perigo, Flamínio se recusa a recorrer à ajuda dos deuses, pois para ele diante daquele momento de combate era necessário se manter firme e combater, pois, o que os levaria à vitória ou à sobrevivência ao combate seria somente o sentimento de coragem e a força, como soluções para poderem escapar daquela batalha. Sendo assim, afirma ser necessário, abrir caminho através da força, pois que o perigo só se tornaria menor caso eles tivessem menos medo. Mediante estas afirmativas, podemos perceber na personagem a demonstração de rejeição pelo apelo aos deuses diante do momento de perigo.

A seguir Lívio descreve o horror da derrota dos romanos liderados por Flamínio que mesmo cercado e atacado pelos inimigos corria para levar socorro a todas as partes onde ele visse que precisariam. Ao narrar os feitos de Flamínio no campo de batalha, o narrador expõe a imagem do cônsul com características antagônicas, pois o mesmo orgulhoso por ter seu primeiro consulado, prepotente nas atitudes, precipitado e com vícios, também é calmo em meio a uma emoção geral de terror; dá orientações aos seus para que se mantenham firmes diante da luta e, por fim, mesmo cercado de inimigos que o desejam matar – *circa consulem tamen acrior infestiorque pugna est* (Tit. *Ab Urb. cond.*, XXII, 6), mas em volta do cônsul o combate é mais vivo e mortífero; vai ao encontro aos seus, a fim de ajudá-los. Assim temos, no mesmo episódio da batalha, a descrição de um general romano que não é solícito a ordens superiores, porém se sujeita a socorrer aos aflitos que lhe são subordinados.

Em meio ao perigo exposto, Flamínio é reconhecido por um cavaleiro insúbrio, chamado Dúcario, pertencente à tropa cartaginesa; assim, afirma que o cônsul matou as legiões dos seus e assolou seus campos e cidade. Então, após fazer esse discurso de indignação pela morte dos concidadãos, se direcionou a Flamínio e atravessou-o com uma lança:

Ducario nomen erat - facie quoque noscitant consulem, "[En]" inquit "hic est" popularibus suis, "qui legiones nostras

cecidit agrosque et urbem est depopulatus; iam ego hanc uictimam manibus peremptorum foede ciuium dabo". (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 6).

Seu nome era Ducário – reconhecendo o cônsul também pela face, diz aos seus companheiros: “Aqui está, aquele que matou as nossas legiões e assolou os campos e a cidade; eu já darei esta vítima aos Manes de nossos cidadãos indignamente assassinados”.

Após seu breve discurso, Ducário se direcionou para matar Flamínio, porém primeiro matou o escudeiro que se colocou diante dele, e depois, com a lança atravessou o cônsul, *consulem lancea transfixit* (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 6). Com a morte do cônsul, toda a tropa se dispersou e começou a fugir e após fazerem a contagem das perdas, e dos mortos em combate, apesar de terem procurado com todo cuidado, não encontraram o corpo de Flamínio para lhe darem a sepultura.

4.2. A concepção da batalha de Canas

Após a grande perda do combate em Trasimeno, Tito Lívio narra que Roma procurou de todas as formas se recuperar e se proteger contra futuros ataques. Assim, o povo nomeou como ditador Quinto Fábio Máximo Verrucoso, o *Cuntator*, que fez contra Aníbal uma campanha cautelosa, recusando-se a enfrentá-lo em batalhas, pois ele preferiria as posições seguras às precipitadas, uma estratégia que se mostrou bastante impopular.

Em 216 a. C, os cônsules romanos Caio Terêncio Varrão e Lúcio Emílio Paulo foram eleitos para comandar o exército romano na batalha que deveria conter de vez o avanço das tropas de Cartago. Os cônsules do ano anterior, Marco Atílio e Gemino Servílio, estavam acampados nas proximidades do acampamento de Aníbal em Gerônio, aguardando a chegada dos novos cônsules eleitos.

Eles chegaram trazendo reforços para o exército, que passava agora de quatro para oito legiões – uma quantidade incerta segundo Lívio; porém ele ressalta: *Illud haudquaquam discrepat maiore conatu atque impetu rem actam quam prioribus annis, quia spem posse uinci hostem dictator praebuerat* (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 36) - “De modo nenhum difere do maior esforço e ímpeto este ato do que nos anos anteriores,

porque o ditador dera esperança de que o inimigo pode ser vencido”.

Como os alimentos naquela região começaram a acabar, Aníbal decide, então, ir para uma região mais quente, onde a colheita já estivesse madura. Assim, escolhe a cidade de Canas, pelo fato de ali haver um grande depósito de grãos, que supriria as necessidades do exército cartaginês. Com isso, apoderando-se do suprimento, Aníbal privaria os exércitos romanos de uma importante fonte de víveres.

A cidade de Canas situava-se numa colina próxima à planície por onde corria o rio Áufido. Quando Aníbal decide acampar à beira do rio, os cônsules romanos o perseguem. Aníbal começa, então, a provocar o inimigo e os cônsules decidem pela alternância do comando. Na primeira provocação, o comandante é Lúcio Emílio, que impede seus soldados de responderem com luta. Ao amanhecer, o general à frente do exército passa a ser Varrão, que por sua vez, resolve aceitar a batalha sem consultar Emílio, cruzando o rio com suas legiões. A partir de então, o narrador descreve a batalha mais violenta e demorada em que os cartagineses levam a vantagem logo no início. Com o decorrer de um enorme massacre de soldados romanos, muitos sem esperança começam a desertar, fugindo em várias direções. Outros conseguem se refugiar nos dois acampamentos romanos ou na própria cidade de Canas. Varrão e alguns cavaleiros conseguem chegar a Venúcia com uns cinquenta cavaleiros. Lúcio Emílio é gravemente ferido e termina por morrer no campo de batalha, juntamente com grande parte de seu exército.

4.2.1. Os retratos dos romanos

Lívio nessa nova batalha, ao contar os fatos que a permeiam, também dá destaque às personalidades ilustres. Aníbal após ser vencedor da batalha de Trasimeno continua com seu intuito de tomar a Itália, investindo em estratégias para incitar o inimigo a novos combates, porém nesse mesmo período Roma elege extraordinariamente um ditador: Q. Fábio Máximo.

Fábio Máximo é retratado por Tito Lívio como caso inusitado em Roma: a nomeação de um ditador por parte do povo, tendo em vista que o cônsul qualificado

para apontar um ditador não estava presente em Roma. Esse foi eleito juntamente com M. Minúncio Rufo para comandante de cavalaria, a fim de ambos fortificarem as torres e muralhas de Roma e lutarem a favor da cidade e dos Penates.

Itaque ad remedium iam diu neque desideratum nec adhibitum, dictatorem dicendum, ciuitas confugit; et quia et consul aberat, a quo uno dici posse uidebatur, nec per occupatam armis Punicis Italiam facile erat aut nuntium aut litteras mitti [nec dictatorem populus creare poterat], quod nunquam ante eam diem factum erat, dictatorem populus creauit Q. Fabium Maximum et magistrum equitum M. Minucium Rufum; iisque negotium ab senatu datum, ut muros turresque urbis firmarent et praesidia disponerent, quibus locis uideretur, pontesque rescinderent fluminum: pro urbe dimicandum esse ac penatibus quando Italiam tueri nequissent (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 8).

E assim, a cidade recorreu a um remédio já há muito não desejado nem habitual, nomear um ditador; e porque o cônsul estava ausente, do qual somente parecia poder ser eleito, não era fácil ordenar ou que cartas fossem enviadas [nem o povo pudera escolher um ditador] pela Itália ocupada pelos exércitos cartagineses, o que nunca antes daquele dia tinha acontecido, o povo escolheu como ditador Q. Fábio Máximo e comandante da cavalaria M. Minúncio Rufo; e a estes fora dado pelo Senado o governo para que fortificassem os muros e as torres da cidade e dispusessem as guarnições nos lugares em que parecesse, e derrubassem as pontes dos rios; se deveria combater por Roma e pelos Penates, quando não poderiam defender a Itália.

Na narrativa de Lívio, nos chama a atenção o destaque que o autor dá às condutas pessoais, e a maneira de deliberar sobre as questões referentes à campanha militar com que Fábio atua, que, no cargo de general, comanda como bom exemplo, pois é quem lidera com prudência e razão. Acerca dessas mesmas qualidades, o autor cita o sentimento de Aníbal para com Fábio Máximo após o incitar ao combate e não ser correspondido:

Et prudentiam quidem [non uim] dictatoris extemplo timuit; constantiam haud dum expertus, agitare ac temptare animum mouendo crebro castra populandoque in oculis eius agros sociorum coepit [...] (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 12).

E, em verdade, sem demora, temeu a prudência [não a força] do ditador; não tendo ainda experimentado a constância, começou a provocar e inquietar o ânimo movendo diversas vezes o acampamento e devastando os campos dos aliados diante dos seus olhos [...].

Ao longo de toda a narrativa, o autor ressalta o contínuo comportamento prudente de Fábio em não atacar: *obstinatus tamen tenore eodem consiliorum aetatis reliquum extraxit* (Tit., *Ab. Vrb. cond.* XXII, 12) – “Todavia obstinado retardou o resto do verão na mesma linha de planos”. Esse comportamento descrito por Lívio nos mostra o quanto queria ressaltar os *exempla* de um general romano que não se rendia às provocações do inimigo e intimidava Aníbal por isso; ao contrário de Flamínio que se inclinava ao combate, Fábio resistia enquanto fosse necessário. O autor ainda informa que a campanha de Fábio é relatada em quase todos os *Anais*, demonstrando assim sua importância para Roma como ditador: *Omnium prope annales Fabium dictatorem aduersus Hannibalem rem gessisse tradunt* (Tit. *Ab Vrb. cond.*, XXII, 31) – “Quase todos os *Anais* relatam que o ditador Fábio fez essa campanha contra Aníbal”. Assim, Lívio encerra a atuação do ditador como general, pois, em XXII, 32 conta a eleição de novos cônsules: Atílio e Germino Servílio que substituíram Fábio Máximo e seguiram a sua mesma tática.

Antes de narrar a eleição do próximo consulado, Tito Lívio faz a descrição do futuro cônsul e general romano Caio Terêncio Varrão:

C. Terentius Varro, qui priore anno praetor fuerat, loco non humili solum sed etiam sordido ortus. Patrem lanium fuisse ferunt, ipsum institorem mercis, filioque hoc ipso in seruilis eius artis ministeria usum (Tit. *Ab Vrb. cond.* XXII, 25).

Caio Terêncio Varrão, que no ano anterior fora pretor, não só de lugar de baixa condição, mas também de nascimento humilde. Dizem que seu pai tinha sido carnicheiro, o próprio comerciante, tinha empregado a este mesmo filho nos serviços desse ofício.

Neste trecho, o autor retrata a origem humilde de Varrão, mas no capítulo seguinte já o inicia informando como o futuro cônsul se tornou pretor e como ainda almejava o cargo público do consulado apresentando um projeto:

Is iuuenis, ut primum ex eo genere quaestus pecunia a patre relictis animos ad spem liberalioris fortunae fecit, togaque et forum placere, proclamando pro sordidis hominibus causisque aduersus rem et famam bonorum primum in notitiam populi, deinde ad honores peruenit, quaesturaque et duabus aedilitatibus, plebeia et curuli, postremo et praetura, perfunctus, iam ad consulatus spem cum attolleret animos. (Tit. *Ab Vrb. cond.* XXII, 26).

Quando primeiramente tirando proveito deste gênero, com o dinheiro deixado pelo pai, este jovem preparou os ânimos a uma esperança de situação mais liberal, agradaram-lhe a toga e o

fórum, proclamando pelos homens e pelas causas humildes contra os negócios e a fama das pessoas de bem, alcançou primeiro o conhecimento do povo, em seguida as honras, pela questura e pelas duas edilidades, a plebeia e a curul, por fim, pela pretura que exerceu, quando agora elevava os ânimos com a esperança de do consulado.

Nesse capítulo, o autor não somente expõe o alcance dos cargos públicos que Varrão conquistou, mas também fala das pretensões e métodos de conseguir o que ainda almejava: o consulado. Mais adiante, em XXII, 34, Lívio irá se referir à eleição do consulado em que Terêncio Varrão se apresenta com o apoio da plebe, e posteriormente é eleito juntamente com Paulo Emílio, cônsul e general de grande importância na batalha de Canas.

4.2.2. O retrato do inimigo

Assim como na batalha narrada anteriormente, também em Canas o inimigo do exército romano continuava sendo Aníbal Barca. Esta personagem perpassa todos os episódios da narração sobre a Segunda Guerra Púnica; assim como no combate em Trasimeno, em Canas o general também consegue a vitória sobre Roma. Suas estratégias de combate continuaram sendo as mesmas, como a investigação do exército romano, o conhecimento sobre as vulnerabilidades inimigas, a provocação para que os generais combatessem precipitadamente e a elaboração das emboscadas. Pois, antes de acampar com sua tropa, procura conhecer o território, e, assim, planeja os combates analisando as dificuldades que o território (cenário) apresentará.

Na batalha de Canas, Lívio relata que Aníbal, estrategicamente, organizou seu exército junto ao rio Áufido, contando com cavaleiros de diversas nações: gauleses, hispânicos, numidas, africanos e os próprios cartagineses; o número total de cavaleiros era de dez mil e o de infantes em linha chegava a quarenta mil. O narrador nos relata que até o Sol e o vento estavam a seu favor (Tit. *Ab Urb. cond.* XXII, 46).

Após vencer a batalha de Canas, estando tão perto da cidade de Roma, Aníbal,

segundo Tito Lívio, quis dar um dia de descanso aos soldados e recusou uma proposta de Maarbal, que almejava invadir Roma e tomar posse. Essa recusa de ataque no mesmo dia em que a cidade estaria tão vulnerável, para os cartagineses foi dada como perda, pois se acredita que, por terem repousado por um dia, a cidade e o império teriam se salvado.

Esses retratos sobre as personagens de ambos os povos e de ambas as batalhas nos fazem refletir quão divergentes podem ser as personagens, assim afirma Kothe:

Todo grande personagem é uma união de contrários: ele é alto cuja grandeza está na baixeza, ou é o alto que cai e readquire grandeza na queda, ou então é o baixo que se eleva e se mostra grandioso apesar dos pesares. Quanto maior a sua desgraça, tanto maior a sua grandeza. A sua desgraça não é mera choradeira, mas duro aprendizado da “condição humana”, transcendendo a doutrinação que lhe é inerente (1987: 13).

Ao fazer o relato das duas perdas que Roma padecera, além de todas as consequências que a mesma sofreu, Lívio tem todo o cuidado de perceber e relatar essas dualidades que as personalidades de ambos os fatos possuíam. Mesmo que não possamos classificar diretamente essas personagens como heróis ou anti-heróis, verificamos, através da descrição, a grandeza dos comportamentos, a divergência de decisões diante dos conflitos e as consequências que lhes foram atribuídas.

5. UMA *COMPARATIO* DAS BATALHAS

O modo de narrar e descrever de Lívio ao contar cada episódio das batalhas, que neste trabalho foram selecionadas, nos chama a atenção e nos motiva a compará-las. Pois, Tito Lívio, por visar o fato como instrumento de exemplificação com fins didáticos e pedagógicos, como afirma Victorino (2012: 79), aplica em seu empenho historiográfico ornamentos imprescindíveis para despertar no leitor o efeito do convencimento e da veracidade.

Sendo assim, neste seguimento, nos propomos a verificar como o autor relata os fatos, mostrando ao seu leitor a decorrência e a consequência dos mesmos, de que maneira ele se utiliza dos elementos estilísticos e como demonstra a sua preocupação com os valores do passado em Roma.

5.1. Motivações das batalhas

Quando estudamos a sociedade romana antiga, podemos perceber que a mesma, desde a sua origem, busca crescer e ampliar seus territórios e condições de habitação. Para defender essas mesmas conquistas, o Estado romano sempre combateu contra outros povos a fim de consolidar seu patrimônio.

A razão destas guerras de conquista não se devia unicamente a um desejo irracional de expansão por parte dos romanos, mas à necessidade de resolver os problemas internos da sociedade romana através do alargamento territorial⁴⁶.

Diante dessa afirmativa citada por Alfoldy, vemos que uma das motivações que levam, inicialmente, o Estado romano a combater é a defesa da expansão territorial, que servia ao governo como resolução dos problemas sociais; contudo, esta não era uma causa única por somente querer expandir seu território, mas o governo também avaliava o que poderia lucrar com tais interesses.

Entendemos que as batalhas de Trasimeno e Canas foram combates que tiveram

⁴⁶ ALFOLDY, 1989: 42.

por seu início a mesma motivação: a estratégia de incitação do inimigo. Segundo Tito Lívio, Aníbal provocou os generais romanos para que assim se iniciassem as pelepas. Ambas fazem parte da mesma guerra; sua motivação geral era a defesa dos seus domínios conquistados, os quais foram invadidos pelo povo inimigo.

5.2. Estilo de narrativa de Lívio

“O estilo também nada tem de artificial; longe de ser um ornamento aplicado ao discurso, decorre naturalmente do fundo⁴⁷”.

Quando nos referimos ao conceito de estilo, Danziger e Johnson (1974: 51) o caracterizam por ser aplicado à textura da obra, isto é: a escolha das palavras, a dicção, a riqueza de imagens, a sintaxe e a sonoridade. Já no estudo da retórica, segundo Reboul⁴⁸, o estilo diz respeito a um conjunto de regras que estavam ligadas à escolha das palavras e à construção das frases.

Na narrativa liviana, o estilo utilizado se adapta ao assunto tratado pelo autor; essa escolha de escrita, como afirma Reboul⁴⁹, se distingue em três gêneros de estilo: o *grave*, nobre que possui a função de comover (*commouere*), principalmente no momento do discurso da peroração; o *tenue*, simples, com a finalidade de informar e explicar (*docere*) nos momentos da narração, confirmação ou recapitulação do discurso; e o *medium*, ameno, exercendo a função de agradar (*delectare*), sendo este inserido tanto no exórdio, quanto na digressão.

Ao descrever os resultados das perdas em Trasimeno e em Canas, o autor recorre ao uso do estilo *grave*, nobre, bastante apropriado à expressão do sentimento de sofrimento e dor diante das derrotas:

⁴⁷ REBOUL, 2004: 72.

⁴⁸ *Idem, ib.*: 62.

⁴⁹ *Idem, ib.*: 62.

Em Trasimeno:

Feminarum praecipue et gaudia insignia erant et luctus. Vnam in ipsa porta sospiti filio repente oblatam in complexu eius exspirasse ferunt; alteram, cui mors filii falso nuntiata erat, maestam sedentem domi, ad primum conspectum redeuntis filii gaudio nimio exanimatam (Tit. *Ab Urb. cond.* XXII, 7).

Eram principalmente notáveis as alegrias e os lutos das mulheres. Dizem que uma, de repente, expondo na própria porta o filho são e salvo, deu o último suspiro em seu abraço; outra, a quem se tinha anunciado falsamente a morte do filho, sentada triste em casa, morreu com grande alegria à primeira visão do filho que voltava.

Em Canas:

Nunquam salua urbe tantum pauoris tumultusque intra moenia Romana fuit. Itaque succumbam oneri neque adgrediar narrare quae edissertando minora uero faciam. (Tit. *Ab Urb. cond.* XXII, 54).

Nunca, estando salva a cidade, houve tanto pavor e tumulto dentro dos muros de Roma. E deste modo, sucumbirei ao fardo e não empreenderei narrar o que explicando farei ser menor do que a verdade.

Temos aqui duas passagens dos acontecimentos após as batalhas: em ambas Lívio se propõe, através de um estilo nobre, a comover e demonstrar o sentimento que o povo romano sentiu consoante às perdas. Mas também procura explicar e informar como a própria cidade se sentia com as consequências da derrota e com a falta de proteção, tendo em vista a morte de seus soldados e generais.

Feldherr, em *Spetacle and society in Livy's history*, nos afirma que Lívio escreve seu texto com um estilo de descrição que vai além da retórica, mas usa uma “linguagem visual⁵⁰” com particular frequência nas estimativas antigas da história.

The desire to make the reader or hearer “see” the events described in a literary work appears to be above all a stylistic choice, and, as we shall consider, ancient rhetorical treatises discuss the effects of narrative in precisely these terms⁵¹.

⁵⁰ FELDHERR, 1998: 4.

⁵¹ “O desejo de fazer o leitor ou ouvinte ‘ver’ os acontecimentos descritos em uma obra literária parece ser, sobretudo, uma escolha estilística, e, como devemos considerar, antigos tratados retóricos discutem os efeitos da narrativa precisamente nestes termos” (FELDHERR, 1998: 2-3).

Assim, segundo Feldherr, a narrativa histórica para Lívio não se limitava somente a contar o fato, mas fazer com que o leitor através do relato pudesse ver os acontecimentos, como se estivesse contemplando um monumento. Portanto, justifica-se a necessidade que Lívio tem de informar os eventos com veracidade e não estar aquém delas, para isso se necessário prefere se abster a contar um fato inverídico: *Itaque succumbam oneri neque adgrediar narrare quae edissertando minora uero faciam* (Tit. *Ab Urb. cond.* XXII, 54) - “E, deste modo, sucumbirei ao fardo e não empreenderei narrar o que explicando farei ser menor do que a verdade.”

Na antiguidade, se empregava as figuras para dar vivacidade, emoção e encanto ao texto, sendo assim, de caráter persuasivo; portanto, através do uso das figuras de estilo e pensamento o discurso pode se tornar mais vivaz, causando a impressão de ter, dependendo da espécie do recurso, o fato diante dos olhos, como numa cena cinematográfica.

Longino fala sobre as figuras de retórica e como o uso das mesmas não é despropositado. Para o autor, o seu uso é suspeito e “dá impressão de ocultar armadilhas, tramas e falácias⁵²”, isto porque, ao utilizar as figuras, o autor as dispõe com um propósito textual, seja com a finalidade de maquiagem uma ideia, palavra ou mesmo apresentá-las de forma apreciativa e ritmada.

Olivier Reboul⁵³ analisa as figuras de estilo e faz uma distinção entre aquelas que se encaixam no discurso mediante as relações a que adéquam. As figuras podem ser classificadas quanto à matéria sonora do discurso, sua rima e trocadilho, como as figuras de palavras; quanto ao significado das palavras ou dos grupos de palavras, como a metáfora: as figuras de sentido; quanto àquelas que dizem respeito à estrutura da frase e do discurso persuasivo: as figuras de construção; e, por fim, para se referir à relação do discurso com seu sujeito, como a ironia, as figuras de pensamento.

Na *narratio* das batalhas, podemos encontrar esses recursos de estilo; para cada tipo de figuras retóricas apresentaremos algumas especificações, a fim de percebermos como Tito Lívio as empregou na construção do texto.

A primeira figura aqui estudada é a de palavras, que tem por função dar ritmo e

⁵² ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINUS, 1989: 109.

⁵³ REBOUL, 2004: 64.

som ao significante, seja ele em forma de repetição de fonemas (aliteração) ou em rima das sílabas como a paronomásia, caracterizada por ter a rima no final das palavras, vejamos o exemplo da narrativa da batalha em Trasimeno quando as tropas estavam em combate: (...) *et quacumque adire audirique potest* (Tit. *Ab Vrb. cond.* XXII, 5) – “(...) e em qualquer lugar pode aparecer e ser ouvido”. Nos verbos *adire* e *audiri* há semelhança no som, e acabam por se parecerem, se tornando homônimos.

Lívio também faz uso das figuras de sentido ao empregar um termo ou vários que irá atribuir um sentido não habitual, mas que enriquece o sentido da palavra. Como exemplo, vejamos o discurso indignado de Flamínio que, por não ter apoio do conselho, fala sobre o perigo que a cidade corre e de como o próprio inimigo pode ser vencido pelo poder romano, não podendo assim deixá-lo escapar por entre as mãos: *Hannibal emissus e manibus perpopuletur Italiam* (Tit. *Ab Vrb. cond.* XXII, 3) – “Que Aníbal, tendo escapado das nossas mãos, assole a Itália”. Esse exemplo é uma representação de metáfora, compreendemos que a intenção do orador é informar que se vai permitir a perda de oportunidade para atacar o inimigo que está dentro dos muros da cidade, e não da maneira literal.

Danziger e Johnson vão conceituar a metáfora num sentido lato, buscando distingui-la da imagem literal:

[...] pois a metáfora é um tropo que compara objetos, em vez de evocá-los apenas; [...] as palavras são levadas a significar algo a mais – ou algo diferente – do que é literalmente verdadeiro (1974: 62).

Olivier Reboul entende a metáfora como a figura que “designa uma coisa com nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança” (2004: 122). Assim, temos outro exemplo de metáfora no trecho do discurso que Lívio descreve, o qual é pertencente à fala de Quinto Fábio orientando ao comandante Paulo Emílio: *Omnia non properanti clara certa que erunt; festinatio improuida est et caeca* (Tit. *Ab Vrb. cond.* XXII, 39) – “Para o que não é apressado tudo será claro e seguro; a precipitação é imprudente e cega”.

No exemplo acima, temos a figura de metáfora feita nas comparações entre os adjetivos e participios: *properanti*, *clara* e *certa*; e *festinatio*, *improuida* e *caeca*, estas palavras apresentam uma comparação ocorrida entre termos de sentido semelhantes.

Assim, as palavras *properanti*, *clara* e *certa* são expressas por Fábio por se assimilarem positivamente representando a qualidade correta que o comandante Emílio deveria ter, pois, para ele, os que não são apressados ou precipitados andam na claridade e segurança. Já nas palavras *festinatio*, *improuida* e *caeca*, Fábio as compara explicando que aqueles que vivem com imprudência e precipitação andam ou vivem como cegos e imprudentes.

Nesse exemplo do discurso de Q. Fábio a Paulo Emílio, podemos também verificar a ocorrência da antítese, que significa uma oposição de sentido entre palavras, ou uma oposição filosófica de teses⁵⁴. Portanto, temos a concepção de Q. Fábio, quanto aos que não são apressados, *non properanti*, ou não são imprudentes, opostos aos que são imprudentes, *festinati*; então, a antítese está presente na oposição da tese *non properans*, ao prudente, para com *festinatus*, o imprudente.

Tito Lívio quando narra a contagem das perdas da batalha em Trasimeno, enumera a quantidade aproximada de mortos e critica o exagero que os historiadores fazem em suas narrativas. Assim, ele afirma que o recurso do exagero torna o fato inverossímil, deixando claro ao leitor que se baseia nas informações de Fábio, contemporâneo da mesma guerra:

Multiplex caedes utrimque facta traditur ab aliis; ego praeterquam quod nihil auctum ex uano uelim, quo nimis inclinant ferme scribentium animi, Fabium, aequalem temporibus huiusce belli, potissimum auctorem habuit (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 7).

Conta-se que foram feitas pelos outros muitas mortes de uma a outra parte; além do que eu não desejaria nada exagerado sem motivo, para o que se inclinam demasiadamente os ânimos dos historiadores, como, de preferência, tinha o autor Fábio, contemporâneo dos tempos desta guerra.

A partir deste exemplo, podemos inferir que Lívio não recorre ao uso da hipérbole, que segundo Reboul⁵⁵ é a figura do exagero. Para um historiador, como Lívio, o que tornava seu texto verossímil era a proximidade que sua fonte tinha do fato. Por isso, Lívio alega que para enumerar a quantidade aproximada, utiliza como fonte Fábio, historiador romano que viveu durante a Segunda Guerra Púnica, ou seja, prefere o relato mais próximo da realidade.

⁵⁴ REBOUL, 2004: 127.

⁵⁵ *Idem*, *ib.*: 123.

Quanto às figuras de construção, verificamos a ocorrência das que procedem por subtração como a elipse que “consiste em retirar palavras necessárias à construção, mas não ao sentido⁵⁶”. Como por exemplo, a descrição da região de Trasimeno:

Regio erat in primis Italiae fertilis, Etrusci campi, qui Faesulas inter Arretiumque iacent, frumenti ac pecoris et omnium copia rerum opulenti (Tit. *Ab Urb. cond.* XXII, 3).

A região da Itália era principalmente fértil, os campos da Etrúria, que ficam entre Fésulas e o Arrécio, muito rica em trigo, gado e em todos os produtos.

Na descrição acima, o autor omitiu a repetição do verbo *erat* que acompanharia a continuação da quantidade de fertilidade que a região tinha: *(erat) frumenti ac pecoris et (erat) omnium copia rerum opulenti*.

Outro exemplo de elipse está na descrição das armas que os gauleses e hispanos utilizavam para combater na batalha em Canas:

Gallis Hispanisque scuta eiusdem formae fere erant, dispaes ac dissimiles gladii, Gallis praelongi ac sine mucronibus, Hispano, punctim magis quam caesim adueto petere hostem, breuitate habiles et cum mucronibus (Tit. *Ab Urb. cond.* XXII, 46).

Os escudos para gauleses e hispanos eram quase da mesma forma, as espadas desiguais e diferentes; para os gauleses compridas e sem pontas; para o hispano, habituado a ferir o inimigo, mais de ponta do que de talho, bem feitas curtas e com pontas.

No exemplo acima, ocorre uma elipse pela omissão do verbo *esse* quando se compara às espadas, e também se omite a repetição sintática da palavra *gladii*, pois que seu sentido já está inferido na frase, não sendo necessário à construção a repetição da mesma: *(gladii) Gallis (erant) praelongi ac sine mucronibus, (gladii) Hispano, punctim magis quam caesim adueto petere hostem, (erant) breuitate habiles et cum mucronibus*.

Por fim, temos as figuras de pensamento, que não se referem apenas às palavras ou às frases no texto, mas ao discurso em si, como no exemplo a seguir, em que Flamínio, cônsul romano, ironiza e critica o Senado pela falta de atitude diante dos acontecimentos na cidade:

⁵⁶ *Idem, ib.*: 126.

"immo Arreti ante moenia sedeamus" inquit, "hic enim patria et penates sunt. Hannibal emissus e manibus perpopuletur Italiam uastandoque et urendo omnia ad Romana moenia perueniat, nec ante nos hinc mouerimus quam, sicut olim Camillum ab Veiiis, C. Flaminius ab Arretio patres acciuerint" (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 3).

“Pois bem, sentemos-nos diante dos muros de Arrécio”, disse, “pois aqui está a (nossa) pátria e os Penates. Que Aníbal, livre das (nossas) mãos, devaste a Itália, e destruindo e incendiando tudo chegue até aos muros de Roma, e não nos moveremos daqui até que os Senadores mandem vir C. Flamínio de Arrécio, como outrora Camilo de Veios”.

Neste discurso, Flamínio afronta o Senado, pois por seus critérios de defesa a cidade queria ir a combate contra Aníbal, porém o conselho não o apoiava; mas como o cônsul não temia nenhuma ordem superior, nem ao Senado, nem às leis e menos ainda aos deuses, assim ironiza a estabilidade e a forma passiva de se liderar.

Temos também, como exemplo da figura de pensamento a ironia, que se apresenta em forma de zombaria, “dizendo o contrário do que se quer dar a entender⁵⁷”, sendo assim, temos uma citação que Lívio faz quanto à discordância do cônsul romano, Varrão que critica seu companheiro de consulado P. Emílio na campanha em Canas:

Contiones, priusquam ab urbe signa mouerentur, consulis Varronis multae ac feroces fuere denuntiantis bellum arcessitum in Italiam ab nobilibus mansurumque in uisceribus rei publicae, si plures Fabios imperatores haberet, se quo die hostem uidisset perfecturum (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 38).

Antes que as tropas saíssem da cidade, houve muitos e violentos discursos do cônsul Varrão, denunciando que a guerra foi chamada para a Itália pelos nobres e que se conservaria no coração da república, se ela tivesse muitos generais Fábios, e que ele a terminaria no dia em que visse o inimigo.

5.3. Religião e valores morais romanos

A *religio*, culto religioso, religião, é a palavra que para os antigos romanos procurava designar a relação entre o homem e os deuses⁵⁸. Essa relação acompanhava o romano desde seu nascimento até a morte, seja na vida particular ou na vida pública.

Segundo Bayet, as formas de culto dos romanos na época republicana, período

⁵⁷ *Idem, ib.:* 132.

⁵⁸ BAYET, 1984: 141.

no qual ocorreram as batalhas aqui estudadas, se realizavam mediante as necessidades, sejam grandes ou pequenas, e a invocação ocorria da forma mais simples e mais precisa; assim, os romanos invocavam a divindade. Essa invocação ocorria segundo o que era mais propício e sua intenção era obter o favor de um deus (1984: 141-142), porém como afirma Bayet, é importante que haja por parte daquele que roga uma preparação um estado de “pureza”:

*Pero la plegaria debe al menos “gustar (probablemente más por su forma que su contenido) a aquél a quien se dirige: ha de placere, “poner en buena disposición”, al dios, de tal forma que pueda placere. Esto exige por parte del mandante un estado de “pureza” (pius, pietas), en principio absolutamente formal y válida por sí misma (de ahí el sentido piare = más tarde, “apaciguar mediante un sacrificio”)*⁵⁹.

Diante do culto aos deuses, os romanos distinguiam os sinais divinos que, segundo Bayet⁶⁰, no princípio, eram puramente informativos e auspiciosos e conforme o passar dos tempos os homens iam acreditando na eficácia de todos os rituais.

Tito Lívio, logo no início do livro XXII, mostra-nos a importância dos auspícios e da *captatio benevolentiae* dos deuses antes de se iniciar as batalhas. Após a eleição do consulado, havia o ritual para que os cônsules saíssem de Roma para os acampamentos, porém, os senadores indignados questionavam a falta de cumprimento dos cultos por parte de Flamínio, pois somente Cneu Servílio se prestou a assim proceder, diferente do seu companheiro de consulado.

Segundo Bayet, para que se começasse a guerra era necessário que se cumprisse um ritual sagrado, iniciado todos os anos com bom tempo e se interrompia antes que se iniciasse o tempo ruim⁶¹. Porém, antes da batalha de Trasimeno, devido à insubordinação de Flamínio, os romanos não cumpriram esse requisito; daí surgiram inúmeros prodígios que levaram ao Estado grandes temores:

Augebant metum prodigia ex pluribus simul locis nuntiata: in Sicilia militibus aliquot spicula, in Sardinia autem in muro circumeunti uigilias equiti scipionem quem manu tenuerit arsisse et litora crebris ignibus fulsisse et scuta duo sanguine

⁵⁹ Mas a súplica deve ao menos “agradar” (provavelmente mais por sua forma que conteúdo) aquele a quem se dirige: há de *placare*, “pôr em boa disposição”, ao deus, de tal forma que possa *placere*. Isto exige por parte do mandante um estado de “pureza” (*pius, pietas*), em princípio absolutamente formal e válida por si mesma (daí o sentido *piare* = mais tarde, “apaziguar mediante um sacrifício”).

⁶⁰ BAYET, 1984: 141.

⁶¹ *Idem, ib.*: 96.

sudasse, [...] et Faleriis caelum findi uelut magno hiatus uisum quaque patuerit ingens lumen effulsisse; sortes sua sponte attenuatas unamque excidisse ita scriptam: "Mauors telum suum concutit", et per idem tempus Romae signum Martis Appia uia ac simulacra luporum sudasse, et Capuae speciem caeli ardentis fuisse lunaeque inter imbrem cadentis (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 1).

Os prodígios anunciados ao mesmo tempo em vários lugares aumentavam o medo: na Sicília alguns dardos dos soldados; na Sardenha, contudo, ardeu o bastão que tinha na mão um cavaleiro que fazia as vigílias na muralha e as praias brilharam com numerosos clarões e os escudos escorreram com sangue. [...] ficou claro que em Falérias parecia que o céu se abriu como numa grande boca e por toda parte brilhou uma grande luz, as sortes espontaneamente foram atenuadas e que uma tinha caído e assim escrito: “Mavorte agita a sua lança”; e pelo mesmo tempo em Roma, na via Ápia, a estátua de Marte e as imagens dos lobos suaram; e em Cápua, houve o espetáculo do céu que ardia e da lua que caía entre a chuva.

Para que se apaziguassem tais prodígios, o cônsul Servílio procurou os senadores para fazerem expiações; porém, após o culto, a fortuna dos romanos não mudou em nada.

Assim como prodígios antecederam o combate em Trasimeno, também houve outras ocorrências semelhantes na batalha de Canas. Após a eleição dos cônsules e o reforço dos exércitos, antes que estes saíssem da cidade, os livros sibílicos foram consultados pelos decênviros, porque a população se tinha alarmado com os recentes prodígios:

Nam et Romae in Auentino et Ariciae nuntiatum erat sub idem tempus lapidibus pluuisse, et multo cruore signa in Sabinis, Caeretes aquas [fonte callidos] manasse; id quidem etiam, quod saepius acciderat, magis terrebat; et in uia fornicata, quae ad Campum erat, aliquot homines de caelo tacti exanimatique fuerant. [...] Ea prodigia ex libris procurata. (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 36).

Com efeito, em Roma, no Aventino e em Arícia fora anunciado que neste mesmo tempo choveu pedras, e entre os sabinos as estátuas destilaram muito sangue, e as águas de Ceres (de fonte quente); em verdade, isto, que ocorrera várias vezes, atemorizava ainda mais; e na rua arqueada, que levava ao Campo, alguns homens foram atingidos e mortos pelo que vinha do céu. [...] Estes prodígios foram tratados nos livros.

Podemos perceber que o destaque que o narrador dá à descrição de ambos os combates, com relação à presença dos prodígios que os antecedem, é semelhante tanto na narração do fato em si, quanto na consequência de perdas das batalhas. Mesmo que tenha ocorrido uma consulta e logo a concretização do culto, em forma de sacrifícios, não puderam evitar o grande desastre que ocorreu em ambas as batalhas. Contudo, o narrador mostra a preocupação que os líderes possuíam em colocar em prática sua invocação aos deuses, sobre o resgate dos cultos após a batalha de Trasimeno, Bayet afirma:

En el 217, el desastre de Trasimeno impulsó a los romanos a celebrar uno de tres días en honor de los doce dioses del panteón helénico. Fue una llamada general, provocada por el pánico, a una sociedad divina extranjera. Pero la costumbre así instaurada no excluía la existencia de lectisternios particulares, como el celebrado por los senadores en el templo de Saturno el 17 de diciembre del año anterior⁶².

Em *Tradições e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*⁶³, Juliana Bastos Marques faz uma análise minuciosa acerca de cada valor moral na obra de Lívio, afirmando que eles são ideais fundamentais na obra do autor, utilizados como *exempla* tanto para se referir ao comportamento das personagens quanto para as ações sociais.

Pretendemos aqui fazer o levantamento conceitual dos valores característicos do período de Augusto, pois que a escrita de Lívio se identifica com essa nova faceta, tornando-se motivadora para ressaltar os valores que já haviam se perdido desde o período republicano.

Um dos primeiros valores que se pode citar é o da *fides*, que está no centro da ordem política, social e jurídica de Roma. Seu sentido habitual emerge da palavra “confiança”. Na literatura republicana, tinha sentido de “garantia”, sendo também este

⁶² “Em 217, o desastre de Trasimeno impulsionou os romanos a celebrarem um dos três dias em honra dos doze deuses do panteão helênico. Foi uma convocação geral, provocada pelo pânico, a uma sociedade divina estrangeira. Mas o costume assim instaurado não excluía a existência de lectistérnios particulares, como o celebrado pelos senadores no templo de Saturno em 17 de dezembro do ano anterior” (BAYET, 1984: 151).

⁶³ MARQUES, 2013: 76-133.

seu valor originário. Pereira⁶⁴ a conceitua como “juramento que compromete ambas as partes na observância de um pacto ‘bem firme’”. Temos ainda a representação da palavra como divindade que é tão antiga entre os romanos “que chega a ser legítimo duvidar se o substantivo próprio antecedeu o comum⁶⁵”; a deusa *Fides*⁶⁶ é a personificação da palavra dada, representada como uma mulher idosa, com cabelos brancos, mais velha que o próprio Júpiter⁶⁷. Portanto, quando se queria marcar que o respeito da palavra era o fundamento de toda a ordem social e política, usava-se a *fides*.

[...] *fides*, tanto en religión como política, significa la relación de confianza recíproca, jurídicamente establecida, que se da entre dos partes de las que una domina a la otra (como Roma a quienes se le sometían de buena voluntad)⁶⁸.

Quando o povo nomeou como ditador Quinto Fábio, pelo cargo que ocupou e por sua responsabilidade lhe foi exigida a *pietas* à pátria: *pro urbe dimicandum esse ac penatibus quando Italiam tueri nequissent* (Tit. *Ab Urb. cond.* XXII, 8) - “era necessário combater em favor da cidade e dos Penates, quando não pudessem guardar a Itália”. Assim, colocou-se uma confiança maior na defesa da cidade através do poder concedido ao ditador.

Quinto Fábio em seu discurso a Paulo Emílio reflete sobre a confiança e a fidelidade que o povo deposita em seus líderes mesmo em meio a tantas desgraças:

In Italia bellum gerimus, in sede ac solo nostro; omnia circa plena ciuium ac sociorum sunt; armis, uiris, equis, commeatibus iuuant iuuabuntque, - id iam fidei documentum in aduersis rebus nostris dederunt (Tit. *Ab Urb. cond.* XXII, 39).

Fazemos a guerra na Itália, em nossa morada e solo; todos estão plenamente cercados dos cidadãos e aliados; ajudam e ajudarão com armas, homens, cavalos e víveres, - já deram essa prova de fidelidade nas nossas adversidades.

Outro valor de suma importância para os romanos é a *pietas*, definida

⁶⁴ PEREIRA, 2002: 334.

⁶⁵ *Idem, Ib.*: 334.

⁶⁶ GRIMAL, 2000: 170.

⁶⁷ Segundo GRIMAL (2000: 261-262), Júpiter (*Iuppiter*) é por excelência o deus do panteão romano que representava o laço político entre a cidade-mãe, Roma, e as cidades-filhas, que eram a sua imagem em ponto pequeno.

⁶⁸ “[...] *fides*, tanto na religião como na política, significa a relação de confiança recíproca, juridicamente estabelecida, que se dá entre duas partes, quando uma domina a outra (como Roma a quem se submetiam de boa vontade)” (BAYET, 1984: 154).

habitualmente como sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado, seja por parentes, filhos, pais, seja em sentido amplo às divindades, deuses Manes, Lares e Penates⁶⁹. Esse valor que se estendeu até aos deuses, para o romano se desenvolve e faz parte de todas as áreas da vida cotidiana, seja num ato militar ou para com os deuses.

Tito Lívio se refere à *pietas* quando antes da batalha em Canas, o povo retoma as expiações aos deuses em favor dos mesmos e assim realizam com a presença do ditador os sacrifícios da “primavera sagrada”:

(...) *Tum lectisternium per triduum habitum decemuiris sacrorum curantibus: sex pulvinaria in conspectu fuerunt, Ioui ac Iunoni unum, alterum Neptuno ac Mineruae, tertium Marti ac Veneri, quartum Apollini ac Dianae, quintum Volcano ac Vestae, sextum Mercurio et Cereri. Tum aedes uotae.* (Tit. *Ab Urb. cond.* XXII, 10).

(...) Então, um lectistérnio⁷⁰ foi mantido por três dias, cuidando os decênviros dos sacrifícios: havia seis almofadas à vista, uma para Júpiter e Juno, outra para Netuno e Minerva, a terceira para Marte e Vênus, a quarta para Apolo e Diana, a quinta para Vulcano e Vesta e a sexta para Mercúrio e Ceres. Então, os templos foram consagrados.

O exemplo acima mostra como o povo recorre aos deuses em busca de uma benevolência, pois reconhece que pela ausência dos cultos, ou seja, agir com *impietas*⁷¹ gera um fracasso militar, como ocorreu na perda da batalha em Trasimeno, como afirma Marques:

Os prodígios apontam constantemente para o sucesso ou o fracasso de Roma, pois são sempre estrategicamente posicionados no texto para indicar o favorecimento ou castigo vindos do plano divino⁷².

A autora ainda afirma que o cumprimento da *pietas* no trato com os deuses revela a esperança que o povo possui, pois que se eles praticarem o culto e cumprirem os votos e os sacrifícios para com os deuses, poderão, então, influenciar nos prodígios; quando não cumprem os votos, estes se tornam negativos, porém se exercem a *pietas* os

⁶⁹ PEREIRA, 2002: 338.

⁷⁰ Espécie de banquete solene, oferecido aos deuses, onde se colocavam suas estátuas em leitos ao redor das mesas.

⁷¹ MARQUES, 2013: 107.

⁷² *Idem, ib.*:107.

prodígios se tornam positivos:

É a atitude piedosa dos indivíduos, no trato correto com os deuses, que evitará eventuais desastres anunciados, e também é nesse sentido que funciona a avaliação dos presságios observada pelos áugures e harúspices depois das cerimônias e dos sacrifícios: se forem tomadas todas as atitudes corretas, certamente os presságios serão positivos⁷³.

Outro valor que pode determinar os resultados militares é a *concordia* que possui origem grega e se traduz por *homonoia*⁷⁴, ou seja, harmonia no modo de pensar e de sentir. Para os romanos seu sentido voltou-se para a imagem política e divinizada, a deusa *Concordia*, cujo templo às vezes servia de lugar para reunião do Senado. Cícero defendia a necessidade de haver uma *concordia ordinum* entre o Senado e os cavaleiros, ou seja, a aliança entre as ordens políticas. Na ausência da *concordia* é que se desenrolam as maiores crises, sendo elemento desencadeador do desequilíbrio e fator principal de fracassos militares e políticos.

Lívio cita o exemplo de Flamínio que, por discórdia com o senado e com seu colega de consulado, Servílio, toma a frente da batalha em Trasimeno e peleja contra os cartagineses. A derrota em Trasimeno pode ser atribuída em boa parte à falta de *concordia* e *pietas* de Flamínio no cumprimento dos rituais anteriores à guerra.

Em Canas, havia também a falta de *concordia* entre os cônsules Caio Terêncio Varrão e Lúcio Emílio. Ambos discordam do conselho prudente de Fábio Máximo e divergem entre si sobre as atitudes estratégicas em Canas, essa falta de entendimento entre líderes os leva a uma perda tão terrível em campo de batalha:

Erras enim, L. Paule, si tibi minus certaminis cum C. Terentio quam cum Hannibale futurum censes; nescio an infestior hic aduersarius quam ille hostis maneat; cum illo in acie tantum, cum hoc omnibus locis ac temporibus certaturus es; aduersus Hannibalem legionesque eius tuis equitibus ac peditibus pugnandum tibi est, Varro dux tuis militibus te est oppugnaturus. Ominis etiam tibi causa absit C. Flamini memoria (Tit. Ab Urb. cond. XXII, 39).

Em verdade, erras, L. Paulo, se pensas que haverá menos combate com C. Terêncio do que com Aníbal; não sei se este

⁷³ *Idem, ib.*: 108-109.

⁷⁴ PEREIRA, 2002: 373.

adversário permanecerá mais hostil do que aquele inimigo; com aquele somente em batalha, terás de combater com este em todos os lugares e tempos; contra Aníbal e suas legiões deverás lutar com teus cavaleiros e infantes, o general Varrão te atacará com teus próprios soldados. Que a memória de C. Flamínio te esteja ausente também por causa de um presságio.

Por fim, temos o conjunto dos valores romanos, o *mos maiorum*, que era o suporte fundamental e modelo do modo de viver comum à tradição romana, principalmente, no sentido de observância dos costumes dos antepassados. O *mos maiorum* era, portanto, um conjunto de ações idealizadas dos antigos romanos. O historiador Salústio, no começo do *De coniuratione Catilinae*, nos ilustra perfeitamente o *mos* ideal:

Igitur domi militiaeque boni mores colebantur; concordia maxuma, minuma avaritia erat; ius bonumque apud eos non legibus magis quam natura valebat. Iurgia, discordias, similtates cum hostibus exercebant, cives cum civibus de virtute certabant. In suppliciis deorum magnifici, domi parci, in amicos fideles erant. Duabus his artibus, audacia in bello, ubi pax evenerat, aequitate, seque remque publicam curabant (Sal. *De coni. Cat. IX, 1-5*).

Portanto, na paz e na guerra eram cultivados os bons costumes; a concórdia era máxima, e mínima a avareza; entre eles, a justiça e o bem não valiam mais pelas leis do que pela natureza. Exercitavam litígios, discórdias e desavenças com os inimigos; os cidadãos combatiam com cidadãos de virtude; nos suplícios aos deuses eram magníficos, parcios em casa, fieis aos amigos. Com essas duas artes, com audácia na guerra, quando a paz chegava, e com equidade, cuidavam de si e da república.

Até o início do governo de Augusto, com suas mudanças e reestruturações, esses antigos valores romanos do cumprimento do dever, da justiça ou da generosidade, com origem nas relações de uma sociedade arcaica, eram ultrapassados para os romanos, pois a cidade se encontrava “numa época de implantação de um domínio mundial e de transformação profunda⁷⁵”. Assim, podemos compreender como fora grande a necessidade tanto das representações políticas, quanto das historiográficas e literárias de promoverem a transformação e a retomada de ideais tão característicos sociedade e cultura romana.

⁷⁵ ALFOLDY, 1989: 77.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Predominantemente, a era de Augusto foi de suma importância para a produção literária latina e Tito Lívio, historiador romano dessa época, era tido por muitos como um historiador menor. Ainda assim teve por parte do governo grande incentivo, pois que sua obra elevou a grandeza do poder do Imperador e da própria história do povo romano.

A partir da compreensão do conceito de historiografia antiga romana, sua função, seu ofício e sua importância para a Antiguidade, buscamos neste estudo analisar a construção da narrativa do autor e como o mesmo se inseriu na época do governo de Augusto, que visava empreender louvores à pátria, ressaltando os valores perdidos com o passar dos tempos.

Durante a pesquisa, pudemos perceber que Tito Lívio construiu seus discursos seguindo, assim como os historiadores antigos, uma linearidade dos fatos, mostrando por meio dos *exempla* seu apego às tradições romanas e seus *monumenta*, pois para ele a história era um monumento, algo que se pode ver e relembrar, conforme afirma Jaeger⁷⁶; portanto, o objetivo de Lívio ao escrever sua obra era “registrar a história do povo romano desde os primórdios da Cidade⁷⁷”, e assim o fez.

Analisamos, em especial, a narrativa do período da Segunda Guerra Púnica, ocorrida entre 218 a 202 a. C. entre os romanos e os cartagineses liderados por Aníbal; particularmente, o relato das duas batalhas ocorridas em Trasimeno (217) e Canas (216). Para recompor esses relatos, Lívio se baseou na fonte dos *Anais*, portanto, não possuía um contato direto, vívido durante os relatos, diferente de outros escritores da Antiguidade, como Tucídides ou Fábio que vivenciaram os fatos.

Deste ponto pudemos perceber que Lívio, ao escrever os combates em Trasimeno e Canas, segue a mesma técnica para narrar os relatos. Em ambas as batalhas, o historiador informou, a princípio, sobre a eleição ao consulado, depois mostrou a importância do culto religioso e as premonições antes dos generais promoverem as campanhas e se retirarem da cidade, relatou as discórdias e prepotências

⁷⁶ JAEGER, 2000: 15.

⁷⁷ Tit. *Ab Urb. cond., Praef.*, 1.

consulares devido às estratégias de provocação do inimigo, em seguida, narrou o início, meio e fim das batalhas; assim, segue o autor uma descrição detalhada acerca do ambiente, das armas, das estratégias em batalha e, por fim, descreve as consequências e perdas para ambos os povos, mas, principalmente, para a cidade de Roma.

Tito Lívio exerce como modo de narrativa a estilística dos recursos retóricos, comuns para sua época e que também tiveram a sua importância na construção dos discursos. Nas observações de Paratore, vemos diversos pontos importantes que se ressaltam nos relatos do historiador:

A sua historiografia segue rigidamente e sem esforço, o critério analítico, com todo cortejo de elementos tradicionais que ele implica: interrupção da narrativa duma campanha para atender a outra que se desenrola ao mesmo tempo, elenco dos sonhos e dos prodígios, com atenção particular aos monstruosamente infaustos, caçulo das forças militares, dos despojos, das perdas, menção das honras, das cerimônias religiosas e das consagrações dos templos⁷⁸.

Sendo assim, quanto ao relato de ações religiosas e sua relação com os valores morais romanos, Lívio procura descrever rituais, sacrifícios, cultos e presságios com a finalidade de demonstrar os fatores que circundaram os fatos; para tanto o autor nunca os descreve isoladamente, mas se utiliza dos *exempla* tanto das personagens, quanto das ações das mesmas para demonstrar por diversas vezes as causas e as consequências das derrotas para Roma.

Observando essas características, verificamos que conforme afirma Collares⁷⁹, a motivação ou causa da derrota romana ante Aníbal, que ocorre em ambos os combates, está dividida entre os cônsules e o Senado, em virtude da discórdia entre ambos, ou seja como a falta de *pietas* entre os mesmos. Ademais, Lívio procura demonstrar, ao descrever com tanto empenho as batalhas, a importância de cada derrota como aprendizado, servindo todas como *exempla* para o povo, a fim de corrigi-los em falhas que poderão ocorrer num futuro próximo, ou seja, com a finalidade de ensinar através da história.

⁷⁸ PARATORE, 1987: 457.

⁷⁹ COLLARES, 2010:139.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFOLDY, G. *História social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINUS. *Crítica e teoria literária na Antiguidade*. Trad. David Jardim Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

_____. *Obras completas de Aristóteles. Retórica*. Vol. VIII. Tomo I. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

_____. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BAYET, Jean. *Litterature latine*. Paris: Armand Colin, 1953.

_____. *La religion romana – historia política y psicológica*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. 14ª e. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BURROW, John. *Uma história das histórias*. Trad.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CICERO. *De oratore*. Edited by E. W. Sutton. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

_____. *Epistulae : Ad familiares*. Vol. 1. Notes by W. S. Watt. Oxford: Oxford University Press, 1982.

CICÉRON. *De l'invention*. Texte établi et traduit par G. Achard. Paris : Les Belles Lettres, 2002.

COLLARES, Marco Antonio. *Representações do senado na Ab Urbe condita libri de Títo Lívio: livros 21-30*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DANZIGER, Marlies K. e JOHNSON, W. Stacy. *Introdução ao estudo crítico da*

literatura. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1974.

EASTERLING, P. E. y KNOX, B. M. W. Knox (Ed.). *Historia de la literatura clasica*. Vol. I: literatura griega. Versión española Federico Zaragoza Allberich. Madrid: Gredos, 1990.

FELDHERR, Andrew. *Spectacle and society in Livy's history*. California: University of California Press, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. 2ª e. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.

GRIMAL, Pierre. *História de Roma*. Trad. Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 4ª e. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GUDEMANN, Alfred. *Historia de la literatura latina*. Barcelona, Buenos Aires: Editorial Labor, 1926.

JAEGER, Mary. *Livy's written Rome*. Michigan: University of Michigan, 2000.

JOLY, Fábio Duarte (Org.). *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007.

JONES, A. H. M. "The later Roman Empire", IN: BALSDON, J. P. V. D. *O mundo romano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

KOTHE, Flávio R. *O herói*. 2ª e. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et alii. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2012.

MARQUES, Juliana Bastos. *Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

_____. "Rômulo, Camilo, Augusto: A Roma renovada de Tito Lívio"; IN: LESSA, Fábio de Souza e BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha (Org.). *Memória &*

festa. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

_____. “Políbio”; IN: JOLY, Fábio Duarte (Org.). *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007.

MILLES, Gary B. *Livy: reconstructing early Roma*. New York: Cornell University, 1995.

MOMIGLIANO, A. “Recensão a Santo Mazzarino. Il pensiero storico clássico. I-II, 1”, IN: *Rivista Storica Italiana*, LXXIX, 1, 1967: 206-19; atualmente também em *Quarto contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1969: 59-76.

MARINCOLA, John. “Ancient audiences and expectations”; IN: FELDHERR, Andrew (Ed.) *The Cambridge companion to the Roman historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

NOVAK, Maria da Glória et alii (Ed.). *Historiadores latinos*. 3ª e. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. Vol. 2: cultura romana. 3ª e. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

POLIBIO. *Historias*. Libros I-IV. Introducción de A. Díaz Tejera. Traducción y notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Editorial Gredos, 1981.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, Tatiana Oliveira. *A apodexis herodotiana: um modo de dizer o passado*. Tese de Doutorado em Letras Clássicas. UFRJ/ Faculdade de Letras, Rio de Janeiro: 2010.

SALLUSTE. *La conjuration de Catilina – La guerre de Jugurtha – Fragments des histoires*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris : Les Belles Lettres, 1989.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário latino-português*. 12ª e. Rio de Janeiro:

Livraria Garnier, 2006.

SEBASTIANI, Breno Battistin. “A política como objeto de estudo: Tito Lívio e o pensamento historiográfico romano do século I a. C.”; IN: JOLY, Fábio Duarte (Org.). *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007.

TITO LIVIO. *Storia di Roma dalla sua fondazione, volume quinto XXI-XXIII*. Trad. Bianca Ceva. Testo latino a fronte. Milano: BUR, 2007.

_____. *História de Roma*. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989.

_____. *História de Tito Lívio livros XXI e XXII* (versão portuguesa). São Paulo: Editora Livraria Lusitana, 1940.

_____. *História de Roma – livro I: a monarquia (Ab Vrbe condita, liber I)*. Trad. Mônica Vitorino; introdução e notas Júlio César Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. Porto: Gráficos Reunidos, s/d.

VEYNE, P. “Histoire”, IN: *Encyclopaedia Universalis. vol VIII*. Paris: Encyclopaedia Universalis France, 1968, p. 55-80.

VITORINO, Júlio César. “Tito Lívio (59/64 a. C. – 17 d. C.)”, IN: PARADA, Maurício (Org.). *Os historiadores: clássicos da história*. Vol. 1: De Heródoto a Humboldt. Petrópolis: Vozes, PUC - Rio, 2012.